

MULHERIO

ANO VIII - Nº 36 - JAN. 1988 - SÃO PAULO - BRASIL - CZ\$ 70,00



NASCE UM NOVO SONHO, COM GILBERTO GIL

pgs. 3 a 9

*A Anistia
Internacional tem
liderança feminina:
a italiana Franca
Sciuto*

pg. 11

*Além de Chica da
Silva, outras
mulheres negras
fizeram a história
do Brasil colonial.*

pgs. 12 e 13

*Ala Szerman
explica quando a
beleza é
fundamental, sem
plagiar o poeta*

pg. 23

PONTOS DE VENDA

DISTRITO FEDERAL

Delzeni Ribeiro: SDS Edifício Miguel Barcia, sala 402, fone (061) 226-0482, Brasília.

LIVRARIAS

Sodiler: Conj. Nacional Presença, SDS, B1 E lojas 11/15
LINB Nossa Livraria - Campus Universitário

BANCAS

Rodoviária Plataforma da Rodoviária

GOIÁS

Governo: Av. T. 1, 2 078 setor Bueno Goiânia

MINAS GERAIS

Espaco Cultural Livros e Artes: Rua São João, 357, fone (032) 211-2029, Juiz de Fora

MATO GROSSO DO SUL

Regina Arakaki: Rua Rui Barbosa, 2.324, fone (067) 382-0642, Campo Grande.

PARÁ

Jane Beltrão: (081) 229-6336, Belém

PARANÁ

Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda. Av. Nova Iguaçu, 624, fone (041) 23-3362.

PERNAMBUCO

Wílma Lessa: fone (081) 24-0685

RIO DE JANEIRO

Dazibao Livraria: Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Cavador, 11, Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Distribuidor: Marco Amaral, Pça. Rui Barbosa, 39, sala 6, fone (0512) 26-9747, Porto Alegre

Banca Vera Cruz: Praça da Alfândega

LIVRARIAS

Graphis, Livraria Café: Rua Tomás Flores, 340.

Livraria CAEE/Unig: Av. Paulo Gama, s/n.

Livraria Autores Nossos: Av. Erico Verissimo, Centro Municipal de Cultura.

Livraria Adeli Sell: Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27.

Livraria Arcano 17: Av.

Protáziô Alves, 1.138

Livraria Mercado Aberto: Rua Riachuelo, 1.291.

Livraria Mercado Aberto: Rua da Conceição, 205.

Livraria Palmiriana: Rua Gal. Vitorino, 140, 1º andar

Livraria Prosa e Verso: Rua Mostardeiro, 120, loja 4

Livraria Terceiro Mundo: Rua Gal. Vitorino, 129, sala 21.

SANTA CATARINA

Ana Lúcia Gomes Medeiros: Cidade Universitária, caixa postal 5060, Florianópolis.

SÃO PAULO

Trans-entrega Maciel: R. Frei Santana Galvão, 26, Ponte Pequena

Carla Berro (assinatura): R. Martins Fontes, 268 apto 302

BANCAS

Na capital **Mulherio** é encontrado em todas as bancas onde se vende Jornal do Brasil

LIVRARIAS

Belas Artes: Al. Lorena, 1.326, São Paulo.

Belas Artes: Av. Paulista, 2.448, São Paulo.

Brasiliense: Rua Oscar Freire, 561, São Paulo.

Livraria Brasiliense: Rua Augusta, 2.345, São Paulo

Centro da Prosa: Rua Simão Álvares, 45, São Paulo.

Capitu: Rua Pinheiros, 339, São Paulo.

Da Vila: Rua Fradique Coutinho, 1.140, São Paulo.

Livraria Favale: Av. Santo Amaro, 184, São Paulo.

Litteris: Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264, São Paulo.

Litteris: Bar Avenida, Av. Pedrosa de Moraes, 1.033, São Paulo.

CAMPINAS

Maria Alice Paes: fone (019) 43-3267

TAUBATÉ

Aparecida Fátima da Silva Ferreira: R. Antero Ferreira da Silva, 28 - Vila São Geraldo.

Material para o grupo

Tendo em vista a necessidade de formação e intervenção da mulher na sociedade, nós, da zona Norte de Porto Alegre, organizamos um grupo de mulheres onde estará contemplada a nossa problemática de mães e trabalhadoras. Na tentativa de incrementar nosso acervo de material e também subsidiar nossas discussões, estamos solicitando o envio de textos que tratem especificamente da questão da saúde da mulher. Nosso trabalho partirá deste aspecto. Não ficam excluídos, contudo, trabalhos sobre outros assuntos como mulher e educação, estereótipos sexuais, trabalhadoras rurais etc. O material pode ser enviado para o seguinte endereço: Rua Amoroso Costa, 100 - Cristóvão Redentor, Porto Alegre - RS, CEP 91040.

Karla B. Santos
Porto Alegre, RS

Muito entusiasmo

Tenho 18 anos, estudo Direito na PUC e estou fazendo uma vasta pesquisa sobre a violência contra a mulher e a delegacia inovadora de defesa da mulher. Venho encontrando dificuldades em compilar um maior número de material teórico, até que topei com o jornal **Mulherio**. Gostei do que vocês fazem e resolvi escrever, pois pensei que talvez estivessem ligadas não só ao jornal, mas a outro tipo de informação teórica sobre o assunto. Estou divulgando o jornal, alternativa que faz parte de um processo gradual de conscientização ou no mínimo debate e informação.

Adilson Martinez
São Paulo, SP

Um agradecimento

A Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo, jubilosamente agradece a presença no I Congresso Estadual da Mulher Advogada, realizado nos dias 12, 13 e 14 de novembro passado. O empenho e entusiasmo demonstrado por todas as congressistas presentes, nos reforça a justeza dos objetivos traçados por este Conselho Seccional, em relação à valorização profissional da advocacia e, nesta linha, à da mulher advogada. Temos a certeza de que a Comissão Regimental da Mulher Advogada - OAB/Mulher - nasceu forte.

Antonio Claudio Mariz
de Oliveira
São Paulo, SP

As coisas nos seus lugares

Lemos com atenção a matéria publicada no **Mulherio** nº 33, "Fora, homossexuais. D Jânio" e queremos fazer algumas pequenas correções. A ação que se encontra na Procuradoria Geral da Justiça do Estado de São Paulo contra o alconstitucional e discriminatório do prefeito, proibindo homossexuais de frequentar a Escola Municipal de Bailados, não foi em conjunto com qualquer outro grupo ou entidade, mas do Lambda ("B" - Grupo do Movimento pela Livre Orientação Sexual em conjunto com Vereador Irrede Cardoso. Em São Paulo existem apenas (e não felizmente) duas entidades que lutam pelos direitos dos homens e mulheres homossexuais: Galf e Lambda.

Também o Gapa, como o próprio nome explicita: Grupo de Apoio e Prevenção à Aids, não é uma das entidades que faz parte do Movimento Brasileiro de Defesa dos Direitos dos Homens e Mulheres homossexuais, conforme já declarac pelo próprio presidente do Gapa. Não podemos e nem devemos fazer a ligação entre AID e Homossexualidade.

Durante o **Aids - I Encontro Internacional no Brasil** (realizado de 17 a 20 de agosto corrente ano no Centro de Convenções Reboças) coordenados o Grupo de Homossexuais e, a nosso convite, Paul César Bonfim, presidente do Gapa, participou das discussões, não permitindo, no entanto, que ao final constasse no documento o nome do Grupo de Apoio e Prevenção à Aids informando que poderia criar problemas com os demais componentes do Gapa. Assim com o intuito de bem informar e evitar que haja algum contrangimento por parte de integrantes de Grupos que não apresentam homens e mulheres homossexuais, solicitamos que se publique estas correções.

Ubiratan da Costa e
Silva
São Paulo, SP

Maria Teresa Citefi e
Tina Amado
São Paulo, SP

2

Mulheria
Jan. 88



MULHERIO

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman Bianco (Unicamp, SP/Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sader (USP); Átina Jordão (pesquisadora, P); Fúlvia Rosenberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloísa Buarque de Holanda (FRJ/Stanford University, USA); Lúcia Castello Branco (ensaísta, MG); Maria Lúcia de Barros Mott (historiadora, SP); Mariângela Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher de Salvador, BA); Marlyse Meyer (Unicamp, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).
editora-responsável: Inês Castilho (MTB 17.504).
Editores: Samirina Silveira (MTB 13.517).
apóspteres/Redatoras: Laurifair Coelho e Paula Mageste.
secretária de Redação: Tania Cristina Vieira de Paulo.

Arte: Eliana Kestenbaum e Marco Irco; **Administração e Finanças:** Mônica Boudavé; **Assistente:** Maria Tereza de Lima; **Distribuição e Divulgação:** Susana Beatriz Meza Henke; **Assinaturas e Expedição:** Helena Maria Moreira. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte.
Mulherio é publicado pelo Núcleo de Comunicações Mulherio, associação civil sem fins lucrativos, com apoio da Fundação Ford do Brasil, RJ. Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP. Brasil, fone (011) 212-9052. Fotocomposição: Bandeirante S.A. Gráfica e Editora, Rua Marinhoque, 96, V. Clementino. Tel.: 572-0033, São Paulo. Tiragem desta edição: 12 mil exemplares.



Sonoro protesto

"Eles são muitos e têm muito em comum. Não se dá o tempo de terem entrado na década adulta no final da década de sessenta quando contestar o que não era chamado de sistema era quase obrigatório. Os anos 80, com seu marasmo e cinismo algo desesperançado, apanhou-os em cheio, mergulhando-os no comodismo e numa busca indefinida através de uniões sucessivas com mulheres mais jovens. (São os pais das crianças lidas por aquelas que entraram na idade adulta em meados dos anos 70...)

É verdade que não são todos. Alguns casaram-se com a secretária e são pais modelares e os outros e maridos cêntricos agarraram-se a l'apos de "alternativo" delegando às ex-companheiras a responsabilidade e sustento dos filhos. Outros são mães assertivas e para compensar fazem-se, c'perdo da. Alguns a nada por força da prior a atividade eventual const'lem os seus barulhos nas cantativas re'noções de suas escolhas "alternativas".

O ridículo da abertura acima visa atingir, por paráfrase, a matéria "Como nossas mães", no **Mulherio** nº 33, de novembro de 1987. Surpreendeu-nos essa matéria neste jornal por duas razões.

A primeira é a de apresentar, com extrema leviandade e até como que querendo expor ao ridículo, uma questão que allige há quase duas décadas um certo setor da classe média: a do autoritarismo x permissividade no relacionamento entre pais e filhos, levando a situações conflituosas tanto nas famílias quanto na pléiade de escolas particulares que vieram a se chamar alternativas. A questão dos limites, do estabelecimento de regras para o viver coletivo é tão mais candente nestas duas instituições quanto é ausente das preocupações de **Mulherio**: uma pena que, numa das raras vezes em que é abordada, o seja em página inteira com tal leviandade.

A segunda razão é mais grave: a de se encontrar em **Mulherio** uma matéria (supostamente de autoria masculina)

PARA FORA



"O meu gesto político tem esse significado, sair da profusão para a escolha sacrificial de certas precariedades."

O gesto político de Gilberto Passos Gil Moreia, figa, é o gesto de amor de um poeta negro. Amor antes de qualquer ordem e qualquer progresso. O espírito de 68 dá sinais de vida, desde a Serra da Barriga até o pós-stalinismo de Mikhail Gorbachev. É a partir da escravidão que ele apresenta, no palco, seus músicos negros: "Origem provável, cafezais paulistas; origem provável, canaviais pernambucanos".

Astúcia de caçador, paciência de pescador, Gil fala em seu discurso de posse na Fundação Gregório de Mattos, em Salvador: "O representante político tem a obrigação não só de buscar a realização dos sonhos da sociedade, mas ainda de levá-la a sonhar coisas novas ou decifrar os seus sonhos, muitas vezes difusos e misteriosos. O representante político tem que se arriscar à tarefa perigosa de profeta."

Velho militante da MPB, ele escolheu a administração de empresas para levá-lo de Ituaçu, onde nasceu, a Salvador e depois São Paulo, como funcionário da Gessy Lever. Gordo, terno e gravata, em 67 já era sucesso com "Procissão". Com a Tropicália desagradou tanto a esquerda quanto a direita: da prisão vai para o exílio, despedindo-se em 69 de todo o Brasil com "Aquele Abraço".

Em Londres perseguiu por três anos, obcecado, os caminhos da contracultura: a macrobiótica, a yoga, as disciplinas espirituais. "Foi uma fase de liofiliação absoluta, em que fiquei mais magro que Caetano." Back in Bahia em 72, ele anuncia em Refazenda: o sonho acabou. É olhado com desconfiança quando vê em Geisel os primeiros sinais de afrouxamento. Seu caminho agora era o black, com Refavela, e a conquista definitiva dos jovens com Realce. Sua busca de "introspecção espiritual" o leva desta vez ao hospício, pela perseguição policial que sofre em Florianópolis por porte de maconha. (No julgamento, cabelo de trancinhas e contos coloridos, está sereno e risonho. Um homem da lei, respeitosamente, lhe diz que seus filhos o ouvem mais que a si próprio.)

mento com Realce.

Administrador da própria carreira, faz turnês a cada lançamento de disco — em 85 e 86, foram mais de 100 shows. Em cada um apresenta um músico novo ou esquecido, uma cantora estreada. Em cada um faz todo mundo cantar com ele pequenas frases rítmicas, como uma tribo de ascendência afro. Hoje tem seu próprio estúdio e gravadora, a Geléia Geral (GG), e empresaria grupos estrangeiros no Brasil. Há dez anos vem fazendo um trabalho sistemático no exterior, de Cuba ao Japão.

Filho preferido de Mãe Menininha, autor de Superhomem, a Canção, é só pela primavera desde o início dos 70, quando falou: "Meu trabalho é trazer à tona os elementos femininos de nossa cultura". Segue conciliando contrários, integrando as exclusões, e canta: "O seu amor, amê-o e deixe-o ser o que ele é."

GG 88. Voto, devoto. O poético se urte ao político na candidatura de Gilberto Gil à Prefeitura de Salvador: o sonho renasce na Bahia.

*Em passagem por São Paulo, ele falou longamente ao **Mulherio**, revelando a dor, doçura, cólera, exaltação. Ivani Stein fotografou e quis saber da comida, da vida prática. Mônica Boudayé ouviu muito e perguntou sobre política internacional. Gerson Santos ajudou na produção e no axé.*

INÊS CASTILHO

Inês: Não sei bem por onde começar. Por que é tudo, não é?

Gil: Muito afã de querer abarcar a totalidade da ambição humana, esse é o problema maior do século. O meu gesto de entrar na política tem um pouco esse significado: sair da profusão para a escolha sacrificial de certas precariedades, e trabalhar o precário.

Uma das características do século, por força das grandes descobertas científicas, sociais e humanas, das possibilidades de destruição depois da bomba atômica e dos movimentos de contestação — os hippies, o underground, a contracultura —, enfim, toda essa coisa determinou um salutar aumento de reivindicação, de busca, de descoberta de significados, o que é que a gente é, o que é que a gente quer. Mas acho que isso exagerou, porque depois de um determinado momento caiu-se na sistemática da prospeção, quer dizer, depois de ter-se determinado — e eu acho que já se determinou basicamente um elenco genérico e abrangente de possibilidades, do que é que as comunidades internacionais precisam, o que é que se quer a nível de povo, a nível de oprimidos, a nível de raças, a nível de sexos —, mas na verdade esse processo

criou um pouco a obrigatoriedade de que os jornais continuem a ser imprimidos, de que as discussões continuem a ser feitas, dos mecanismos perversos, realimentadores de última coisa... Sem que na verdade se páre para que as conquistas sejam feitas, para que se encaminhe os recursos humanos para o exercício das coisas, das atuações nas áreas onde essas coisas possam ser conquistadas. É por isso que eu estou tentando.

Inês: É aquilo que o Gabeira falou, você chegou à porta do Nirvana mas em vez de entrar, com a conquista do seu talento, da sua arte, você parou na porta do Nirvana para ajudar as outras pessoas a chegarem...

Gil: É um pouco isso, isso que eu acho que deveria ser a atitude geral, aquilo que o Mestre diz: não perder, vocês elastece, expande a sua consciência cósmica mas continua com obrigações práticas no mundo. Você afinal de contas foi feito encarnação porque tem obrigações com o ser humano na Terra (r).

Inês: É mole ser espírito encarnado?, pergunta Adélia Prado... Quem é o Mestre, Gil?

Gil: Yogananda, um grande discípulo de uma linhagem de mestres espirituais da Índia, talvez dos grandes últimos de um tempo pré-convulsivo, pré-planetário... Ele mor-

reu em cinquenta e poucos, teve a formação dele feita na Índia, depois por missão teve que vir para o Ocidente, se instalou na Califórnia e passou o resto da vida dele lá, morreu lá. Eles representaram esse grupo de gurus que trabalharam a passagem. Sou de uma geração que forma o grupo de discípulos que recebe esse influxo oriental já no ocidente, e tenta digamos assim fazer a complementação.

Não há mais, acabou essa fase do guru. Agora todo mundo tem que ser guru de si mesmo, porque os ensinamentos estão ao alcance, os ensinamentos foram todos propagados. As grandes intensificações de conscientização foram feitas a nível dos que tinham acesso inicial a esses ensinamentos — as elites, as classes médias no mundo inteiro, os drop outs, os hippies, aqueles todos que saíram, digamos assim, das camisas de força dos sistemas de classe para fazerem esse trabalho geral da humanidade. Então isso está feito, agora é a propagação final disso para as classes mais populares, mas isso passa por uma questão de emancipação dessas classes populares em termos materiais. Você não vai poder nem pensar em qualificação espiritual de classes baixas se elas não comem.

Inês: E aí a necessidade de se dar ao sacrifício da política.

G
L

Gil: Exatamente por isso. Porque não há uma coisa sem a outra.
Inês: No momento em que só se acusa os políticos, você resgata a idéia do sacrifício do poder e da co-responsabilidade de cada um de nós...
Gil: Claro, o que é isso de acusar os políticos, como se a maldade humana estivesse de repente concentrada na classe política, no universo político, ou fora de todos os homens. As pessoas ficam ingênuas... Num momento como esse do Brasil, por exemplo, em que não se vê da uma desqualificação do desempenho político por força de uma série de dificuldades, o fato mesmo deles terem ido para as suas atividades congressuais com perspectivas muito individuais, no máximo pequeno-grupais, mesmo assim é preciso entender que eles estão levando para lá o resultado de uma característica da sociedade inteira, somos nós que estamos lá, aquilo é reflexo de tudo. Você vai no sindicato é a mesma coisa, você vai no meio artístico-musical é a

mesma coisa, você vai nos detentores dos meios de comunicação o problema da pequena guerra está lá também, o problema da corrupção... Não tem lugar onde isso não esteja.
Avani: O ritmo dessa filosofia que você fala e o ritmo de vida que você leva não entram em desacordo?
Gil: Há muitos anos que eu sirvo à máquina, no sentido devastador que isso poderia ter, e no entanto sempre buscando uma preservação mínima das minhas essências fundamentais para a continuação da minha vida, para a preservação do que eu preciso de excelente na minha condição individual. Mas eu venho a serviço disso, venho nessa coisa da produção de uma carreira há muitos anos...
Inês: Você faz todo mundo cantar com você, sempre...
Gil: Inaiaê, inaiaê, inaiaê...
Avani: Me dá o teu tempo durante um dia.
Gil: Agora mais recentemente estou acordando cedo, sete da manhã todo dia, dor-

mos... O Pedro, que está com 17 anos, já é baterista, tem um grupo, está se profissionalizando...
Avani: Foi impressão ou você sentiu uma coisa, quando falou na Sandra parece que seus olhos lacrimejaram...
Gil: Eu me emociono muito quando falo de tudo isso porque, porque é... vida, né? Uma vida aí de tantas dificuldades, tanto amor também, tanto afeto em jogo, tanta dúvida, tanta culpa que tem de ser pulverizada, que tem que ser... administrada através do continuar vivendo através do auto-perdão através desse entendimento de que o ser humano tem a dimensão trágica em si mesmo, de que você não faz o bem sem fazer o mal e que não há uma coisa sem a outra, de que você não caminha sem pisar, sem tropeçar em pessoas, sem trombar com elas porque os diferentes ritmos da caminhada gera do ser humano o tremor mesmo. Então isso é natural, é da vida eu me emociono por causa de tudo isso porque eu sinto que aos 45 anos de idade você está me rindo e lágrimas, não não rir só sem lágrimas, a alegria de repente me faz chorar (sorrindo chorando)



Com Nana Caymmi, único casamento que não deixou filhos

pureza emocional se guardem mais fortemente ainda, se protejam mais essencialmente ainda nos abrigos anti-atômicos, anti-atômicos da alma. Nas horas essenciais, só vem para ficar para descontaminar. Então eu falava dessa coisa, isso é uma admissão que tem que ser feita, é um aprendizado desse modo dos afetos. E então ver que os meninos, como o Drão, todos são todos saós, os pecados são todos meus...
Inês: Mas são todos nossos.
Gil: É, mas nesse sentido, como são todos nossos cada um tem que confessar, não pode essa coisa de ficar transferir nos os pecados para a política e nem a ninguém. Cada um tem que assumir no momento suas responsabilidades. Então essa capacidade também auto-educacional e auto-contestona tem sido a própria construção da minha estrada, que eu vou construindo e vou tirando, eu vou fazendo os ritmos e andando sobre eles.
Inês: E que tão longe por exemplo com uma política de crianças, a pensada com o Benin, com a Nigéria... isso para fazer a reserva desta dimensão



"A imperfeição é a medida do homem."

mindinho meia noite, e ocupando essas horas todas do dia. Tenho uma pequena equipe que tende a se ampliar pelas necessidades, pelo sentido de que muitas outras coisas estão sendo feitas, vão sendo incorporadas. Estou jogando minha vida cada vez mais a serviço de vocês, então tenho que contar com o concurso cada vez mais de outras pessoas.
Inês: E, você é administrador...
Gil: Só, eu venho trabalhando nisso há muitos anos. E famí, o fato de que são várias, e uma coisa que tem sido um exercício necessário durante vários anos, há muitos anos...
Inês: Conta para a gente sobre esse ade São sete filhos de quatro mulheres?
Gil: Já as vésperas do sétimo filho quatro filhos, três deles com res duas filhos comprometedores do meu desempenho. Só um deles não teve, foi o casamento com Nana, um casamento que ficou mesmo só nas duas pessoas, não houve filhos e não determinou a existência de uma só e a sorte a que a gente tivesse que se deteriorar o tempo todo. Fora isso os outros todos do primeiro casamento eu tenho dois filhos e uma reafirmação que se manteve, dos pontos de vista prático e afetivo, leve que se manter até hoje.
Inês: Quem são os filhos?
Gil: As filhas são Nara e Marília, Nara é hoje uma menina que tem uma atividade artística, é atriz, é cantora, tá com 22 anos (Nara Gil e atriz do programa 'Armação Ilimitada' da TV Globo). Depois tem Marília que estuda, faz duas versões, vive com a mãe. Tem a própria Be na, que tem sido uma amiga constante, co-aboradora e co-gestora dessa família comigo. Depois tem Sandra, uma vida, uma história, uma existência com ela a volta ao Brasil, três fi-

lhos... O Pedro, que está com 17 anos, já é baterista, tem um grupo, está se profissionalizando...
Avani: Foi impressão ou você sentiu uma coisa, quando falou na Sandra parece que seus olhos lacrimejaram...
Gil: Eu me emociono muito quando falo de tudo isso porque, porque é... vida, né? Uma vida aí de tantas dificuldades, tanto amor também, tanto afeto em jogo, tanta dúvida, tanta culpa que tem de ser pulverizada, que tem que ser... administrada através do continuar vivendo através do auto-perdão através desse entendimento de que o ser humano tem a dimensão trágica em si mesmo, de que você não faz o bem sem fazer o mal e que não há uma coisa sem a outra, de que você não caminha sem pisar, sem tropeçar em pessoas, sem trombar com elas porque os diferentes ritmos da caminhada gera do ser humano o tremor mesmo. Então isso é natural, é da vida eu me emociono por causa de tudo isso porque eu sinto que aos 45 anos de idade você está me rindo e lágrimas, não não rir só sem lágrimas, a alegria de repente me faz chorar (sorrindo chorando)

Inês: Você escreveu coisas lindas para a Sandra, aquela que se chama 'Sandra' e traz o nome das mulheres que te atenderam no hospital depois do Drão...
Gil: Foi, e que são todas e as nela me cuidando aí e a nação a estar comigo mas todas as outras estavam por ela e por mim. Então, tem tudo isso e tem em mim.
Inês: A For...
Gil: Tem Fora por quem eu fiz uma música definitiva 'Tem Be na, para quem eu fiz (cantando) 'O amor não tem que se acabar! Eu quero e se que vou te amar! Até o fim eu vou te amar. Até que a vida em mim resolve se apagar. O amor não, tem que se acabar! Eu quero e se que vou chegar. Até o fim eu vou te amar! Até que a vida em mim resolve se apagar. O amor e como a rosa num jardim. A gente c... A gente o'ha! A gente de xá o só bater! Pra crescer, pra crescer! A rosa do amor tem sempre que crescer! A rosa do amor não vai despetalar. Pra quem eu da bem da rosa! Pra quem sabe eu! O amor não tem que se acabar. Até o fim da minha vida eu vou te amar!"

"Isso faz com que as reservas da pureza emocional se guardem mais fortemente ainda, se protejam mais essencialmente ainda nos abrigos anti-atômicos da alma."

Gil: Hoje em dia eu estou, assumindo cada vez mais essa característica de eremita, de eremitaador... Eremita no sentido de que eu ando muito por aí... evo e trago mensagens de muitos lugares, de muitas paisagens, gerações, de muitos desejos, de interação entre gente, entre povos, da formação desse internacionalismo mas a esperança que se tem hoje em dia de que esse próprio afeto e esse próprio movimento possam superar o próprio gerador e o perigo. Dizer que ao mesmo tempo somos controladores e controlados, vítimas e algozes, e que ao mesmo tempo em que com esse afeto e com essa pressão e com essa busca toda a gente a inventa a barriga da besta, ao mesmo tempo a gente fica com a esperança que se tem hoje em dia de que seja uma forma de fazer com que a besta entorpeça, se amoleça por estar super a inventada, e se esqueça de nós, de si mesma. É um pouco bonas na barriga da besta e a não é (r)?

4 MULHER Jan. 88

VIDA EM FAMÍLIAS

"Eu me emociono porque sinto que aos 45 anos de idade você enfim é riso e lágrimas, não há riso sem lágrimas, a alegria de repente me faz chorar."

Inês: E tem "Superhomem"; em que você traduz isso de forma inversa...
Gil: Que e para todas as mães, mães de todos os homens, o "Superhomem" tem também esse significado (com a voz embargada) os olhos um aos).
Avani: Você chora muito, Gil?
Gil: Choro, choro sim. Mas o tempo traz uma tempera não é? Um necessário o forjar de uma certa qualidade ferrea, mais forte, você não pode se abater, você tem que lutar contra o emocionalismo, você tem que entender a necessária adoção de uma dimensão mais enregelada do sistema nervoso moderno.
Inês: Walking on thin ice, como canta Yo-ko Ono.
Gil: É, você tem que se endurecer um pouco. Mas isso faz com que as reservas da



Com os filhos Nara, Pedro, Preta e Maria, e o velho pai José Gil Moreira.

FIGA: GESTO DE AMOR

Jorge Rosenberg



Gil e Nara: "Um dia eu me acho, um dia relaxo e gozo"; a música do pai para a filha

Inês: Se você tomar o Expresso 2222 que começou lá em 68, digamos, saindo de Bonsucesso para Depois, onde é que a gente estaria agora?

Gil: (R) Em que estação? Sei lá, atingindo assim a Tijuca, vindo de Bonsucesso tentando atravessar o tunel, chegar às áreas mais qualificadas da vida, passar por tudo isso e ver se esse trem sai da cidade do Rio de Janeiro para o resto do Brasil e consegue comboiar mais gente... Passando pela construção do real, isso que eu luto que meu gesto político pretende significar. "O meu gesto político, figa, é um gesto de amor! Não faz parte de uma doutrina, não pertence a nenhum senhor" (r).

Inês: Ou "Minha ideologia..."

Gil: "...é o nascer de cada dia, minha religião é a luz na escuridão". Então eu tenho dito que o meu programa, a minha substância doutrinária, digamos assim, do ponto de vista de um programa político, está nas minhas canções. Não tenho muito o que ficar inventando nos discursos, o significado da minha personalidade política está aí... Eu não sou um novo, nesse sentido. O Brasil me conhece há 20 anos. Só o que precisa ser simbiotizado, digamos assim, agora, é uma prática, é acordar cedo, é o sentar com os auxiliares, com as pessoas, discutir, aprofundar a reflexão a respeito do real, aprofundar a forma de ação sobre o real, quer dizer, no caso que a minha vida política dê frutos e que eu seja prefeito. Agora é isso, é plugar a essa substância humanista uma capacitação técnica.

"A gente tem que deixar de ser anti-institucional para ser extra-institucional, dentro das instituições."

Inês: E os filhos pequenos? Você chora quando nascem seus filhos?

Gil: Choro, chorei muito quando Pedro nasceu, em Londres, eu assisti o parto, e chorei muito quando o Bem nasceu, eu também assisti o parto... São os dois únicos varões e os dois únicos partos que por acaso eu assisti, os outros todos já vieram embrulhados. Esses não, esses eu vi sujeitos de sangue (r)...

Inês: É muito forte essa imagem, não é?

Gil: É muito forte, é forte por isso forte. Ela extrai aquela capacidade de... de perplexidade, não é?

Avani: Esse colarzinho, Gil...?

Gil: Esse pequenininho eu ganhei na Martinica. O outro é uma conta de Logunedé, que é o meu santo. Filho de Oxum e de Oxossi, metade homem metade mulher. Metade pescador, metade caçador. Ele é muito traquino (r), muito travesso...

Inês: Você tá levando muita gente com você?

"Ao mesmo tempo em que com esse afã e com essa busca toda a gente alimenta a barriga da besta, ao mesmo tempo a gente fica com a esperança que seja uma forma de fazer com que a besta entorpeça, se amoleça por estar super alimentada, e se esqueça de nós, de si mesma."

G
L

Gil: Espero (r), porque eu falo a sério dessa necessidade de que nossa geração venha agora a contribuir com uma certa praticidade. Toda a rejeição contestatória na qual a gente teve um papel interessante, importante, esse trabalho tem que ser reconhecido agora no enriquecimento da possibilidade prática. A gente tem que deixar de ser anti-institucional para ser extra-institucional (r), dentro das instituições. A gente é o (canta) "Extra, entra por favor", a gente agora tem que entrar para o mundo das instituições, para o exercício do poder, o exercício das responsabilidades. Nós não nos tornamos pais de família, em níveis micro não tivemos que fazer isso? Criar os filhos, prover a vida material, entrar nos processos de trabalho nas indústrias? Então agora isso vai para o macro, vai para o plano das nações, para o plano do planeta.

Inês: E aí é possível ter a esperança de que o Brasil entre no Terceiro Milênio de outro modo...

Gil: Não só o Brasil como o mundo inteiro, acho que é cada vez menos uma tarefa nacional, cada vez mais uma tarefa planetária. Você vê a Rússia, a China, os Estados Unidos, o Japão, todos eles tentando reprocessar seus encaminhamentos... Eu acho que é uma reação natural do instinto de sobrevivência agindo através do inconsciente sobre as pessoas, para que elas se pro-

jetem no espaço do real, no espaço do trágico... Caso contrário é a desistência absoluta, risco que se corre hoje, porque a gente avançou muito na propagação — e aliás não foi a gente, o próprio sistema, até mesmo para neutralizar o sentido contestador, o sentido exigente das nossas propostas de dropoutismo, acabaram vendendo isso como produto para o entorpecimento de toda uma geração que está aí hoje, toda ela seduzida pelo hedonismo descomprometido, pelo niilismo de afastamento. E a gente agora tem que dizer Não, espera aí, não era exatamente isso que a gente queria dizer... Tem mais, tem que fazer, que varrer a casa, tem que fazer a comida. Agora não é o mágico, é o trágico.

Inês: Steve Wonder, Harlem Desir (líder do SOS Racismo da França), você se projeta para muitos lados.

Gil: É, todo o mundo, é uma coisa grande... Agora mesmo eu vou estar com o Steve na África, no Festival PanAfricano em Dakar. Já em 77 ele estava no Festival da Nigéria, na casa do Fela, nós três nos encontramos lá, na casa do Fela.

Inês: Quem é o Fela?

Gil: Fela é um músico africano que é também político na Nigéria, que teve a sua casa incendiada, teve sua mãe espancada, tem um papel conturbado ali naquela coisa das lutas ainda tribais daquele embrião civilizatório que é a Nigéria. E esteve com o Harlem Desir, devo estar com ele em Berkeley, na Califórnia, fazer uma conferência sobre Democracia e Diferença, exatamente sobre essas questões todas que estamos discutindo aqui. Enfim, assumindo o papel da fase madura da vida de uma pessoa, né? (R) Depois pronto, disse aí para o que tiver de ser, para o percurso natural, sei lá qual vai ser o tempo na Terra... Vai se estendendo até o elástico... o que estiver determinado. Vai esticando até onde dá, a própria natureza já fez da vida humana isso, ela se incumbe de esticar a vida até a tensão maior, até que a vida se relaxe na morte.

"Agora é isso, é plugar a essa substância humanista uma capacitação técnica."



No discurso de posse da Fundação Gregório de Mattos: "Agora não é o mágico, é o trágico."

Inês: Algumas pessoas têm aquele brilho concentrado, como John Lennon e Leila Diniz.

Gil: É, tem uns que escolhem essa capacidade assim, essa coisa mais mercurial das bolhas Tao, eles querem juntar tudo, o peso todo numa pequena gota. Eu não, o sentido de instrução da natureza sobre mim foi todo outro, foi me instruir para que eu fosse essa coisa da água que vai...

Inês: Você consegue continuar navegando mesmo entre aviões, gabinetes políticos, seguranças?

Gil: O tempo todo. Mesmo andando por aí a jato, como eu digo, eu aprendi a ser o último a descer do avião (*risos*). Viajo tanto, estou tanto tempo neles que eu relaxo. Chegar e sair não faz diferença nenhuma mais, é tudo igual... Porque eu fui instruído para isso, o que os Mestres me ensinaram, o que a vida me ensinou, o que os princípios maiores da religiosidade me ensinaram, foi isso, foi servir sem querer nada em troca, servir. Quer dizer, o em troca é o que você precisa, é a roupa para vestir, é a comida para comer, é o sono para dormir, o descanso...



Com Flora e Bem: vida comum no aconchego da estrada, do hotel, do avião.

"Mesmo andando por aí a jato eu aprendi a ser o último a descer do avião."

O AFETO É FOGO

GIL

Inês: Sua alimentação, como estará?

Gil: Como Deus manda, como Don Juan dizia pra Castañeda, Que história é essa de não comer carne de porco, rapaz?, tá com medo de quê? (*Ri*).

Avani: Não me diga que você já come carne de porco...

Gil: Claro que eu como, aliás eu deixei a macrobiótica por causa de um episódio com carne de porco. Uma noite eu terminei um show em Ouro Preto às 2h. da manhã e eu morria de fome, e eu entrei num lugar — foi na Refazenda —, não tinha nada além de carne de porco. Eu pensei assim Mas meu Deus, seria muita soberba da minha parte não matar a minha fome aqui e agora, eu vou comer essa carne de porco. Me preparei para um choque orgânico muito forte mas não tive, fiquei bem. Dali em diante eu achei que já enfim Deus tinha finalmente me concedido o direito (*ri*)... uma coisa desse tipo, e dali em diante fiquei administrando essa coisa da alimentação pelo caminho do meio, como eu tento administrar tudo.

Mônica: Você fala no Mestre, você fala de Deus, fala muito em administrar — você, as suas coisas. Você tem um trabalho de meditação para chegar a esse equilíbrio, a esse nível de auto-análise, essa serenidade?

Gil: Eu não tenho tempo hoje, não tive tempo mais, e até foi por escolha, por tudo o

que eu falei, que você tem que continuar fazendo o serviço do mundo, continuar pegando nas coisas do real, enfim eu desisti um pouco desse processo da meditação no sentido do esvaziamento da cabeça, do pensamento. Eu não utilizei técnicas de meditação. O que eu faço por exemplo é de repente estar sentado num restaurante, como estava ontem à noite, à 1 h. da manhã, depois do show esperando a comida chegar, e de repente ali, pronto, tentar um mergulho no que seria uma aproximação dessa difusão das coisas, assumo uma atitude que eu poderia chamar de contrição, uma certa contrição que é também uma certa contração, que necessariamente se reflete na respiração, se reflete na pulsação sanguínea, e estabelece-se ali então um diálogo entre a mente e o corpo que me coloca numa situação que eu chamaria de meditativa. Isso eu faço sentado na carteira da repartição, lá da Fundação... (*Risos*) Porque eu tenho uma carteirainha, hoje em dia, eu sento, fico lá atrás, Flora até outro dia ficou vendo, chegou lá às sete horas da noite eu ainda estava dando a última audiência, quando terminou ela perguntou, Mas você gosta mesmo de fazer isso?, eu disse Eu gosto, eu fico aqui as tardes inteiras, elas passam rápido, fico ali às vezes 15, 20 minutos, meia hora sozinho naquela sala, folheando papéis, assinando coisas, arrumando as gavetas... Porque eu tenho essa coisa, tudo tem que estar arrumado o tempo todo ao meu redor. Acaba uma reunião que está desarrumado, tem cinzeira, eu não chamo ninguém, eu mesmo pego jojo as cinzas fora, pego as garratas de água arrumo nos lugares, isso tudo eu chamo de meditação, é aquilo que Santa Tereza D'Ávila falava, ela meditava lavando as xícaras, os pratos do convento. Então meditar para mim hoje é isso, eu medito no avião (*ri*), que lugar mais incrível para meditar do que um avião?, eu tô saindo de uma reunião no Rio para uma reunião em Salvador, naquelas duas horas eu páaaaaaa, eu vou embora com os carneirinhos das nuvens, com aquela possibilidade de perscrutar o infinito, a infinitude, a imensidão... Nos desvios da atividade, a meditação é aí, entendeu? A meditação é aí, junto com tudo. Eu tava até comentando com Flora, eu fiquei tão mais legal, desempenho físico geral mais legal, depois que eu assumi essas atividades administrativas lá na Bahia, que eu intensifiquei meu trabalho...

Inês: Gil, e a Flora, como é que ela segura essa onda?

"Porque eu tenho essa coisa, tudo tem que estar arrumado o tempo todo ao meu redor."

Gil: Ela é a paulista, ela é uma pessoa nascida nessa qualidade à qual tive que chegar, ela já é desempenho, ela já é performance e existência juntas. É São Paulo, S Paulo jovem.

Inês: Mas e os filhos?

Gil: Eu acho que o fato de que eu tenha do a possibilidade de ter os primeiros irmandos da doação afetiva íntegros, fui um pouco no início das vidas de todos esse compromisso parece que ficou assustado definitivamente, e então mesmo com as separações posteriores que eu tive, física, deles, ficou essa coisa do início inicial básica. Quando eu vejo o Pedro, hoje, eu me vejo sentado na cadeira de lançamento em Londres, amamentando ele, a tina mamadeira do dia. Sempre que eu vejo Pedro, sempre que eu vejo Pedro, vem aquilo. É um homem imenso, mas eu vejo ali, escuro de frente da janela, a macieira do lado de fora. Enfim, eu acho que "O atletismo e o modo do logo é quente e de repente a gente queimará. Realce" Tá lá. Acho que você não escapa dessas coisas "Não se impaciente, o que a gente sente e ainda que não se tente afetar. Quer dizer, mesmo que eu não tenha condição de estar com os filhos, aquela programação, com regras de convivência, eu tenho essas bolas de fogo do afeto, que utilizo de vez em quando e felizmente imeminos também, eu tenho a impressão que captam isso, todos são muito bons comigo, todos me têm muita afeição, todos não têm muito respeito. Ao mesmo tempo todos têm um descompromisso formal comigo, tenho dito, todos são meus irmãos ultimamente, irmãos e amigos.

Inês: Quem são as irmãs do Pedro?

Gil: As irmãs do Pedro são a Preta e a Maria. Estão com a Sandra, a Preta tá com a Maria vai fazer 12 em janeiro, no dia de janeiro, o mesmo dia que o Bem nasce

Inês: E esse vai nascer em janeiro também?

Gil: Vai nascer em janeiro também. São uns capricorniozinhos. Eu sou Câncer, Capricornio para mim é um signo de complementriedade, né?



Fazendo todo mundo cantar forte e afinado, em cada show.

Inês: Quando eu perguntei dos filhos eu pensava na Flora, como ela pode desempenhar tudo isso tendo os filhos pequenos?
Gil: Quando ela ficou grávida, logo ela fez uma viagem pela Europa toda, corrigio. Dois meses e meio depois que o Bem nasceu ela levou o Bem para uma viagem também pela Europa, foi para Colômbia, ele caiu da cama na Colômbia (r). Ela ficou assustadíssima, caiu de um lugar de um metro, uma cômoda, ela trocando a fralda dele, no que ela virou para trás ele blutz caiu, não teve nada, ela saiu assustada. Enfim, vivemos isso, essas coisas que se tem no aconchego do lar (r) nós temos no aconchego da estrada, do hotel, do avião, a gente fez de todos os lugares onde a gente está o lar da gente. E aí o fogareirozinho que a gente ligava no hotel de Paris e queimava porque a voltagem era outra e a gente chamava o electricista do hotel para consertar, aquelas coisas todas, e tudo isso na hora de ir para o show, e vai para o show, quer dizer, tudo junto, ela viajou grávida do Bem até uma semana antes do parto, ela viajou de avião, entendeu? e agora está no mesmo ritmo.

Inês: Com o Bem e com a barriga?
Gil: E com a barriga. Mas a gente tem sempre uma babá ajudando, que geralmente a gente escolhe pelo critério mais da afetividade do que da competência profissional. Enfim, vida comum, não tem mistério. Porque também a gente não tem ambições assim muito burguesas nesse sentido clássico de um conforto descompromissado, um conforto burguês que abdica do prazer de fazer as coisas, a gente gosta de fazer as coisas. Eu digo sempre, eu poderia ser o homem mais rico do mundo, eu nunca seria grã-fino (r). Eu nunca seria, eu não poderia ser, tá entendendo? Não gosto dessa coisa... Aquela coisa que "De muito gorda a porca já não anda, de muito usada a faca já não corta" que tem na música "Cálice" que eu fiz com o Chico, eu não nasci para isso. Eu nasci para agitar a minha vida, para ter desempenho, eu nasci para ser que nem Carlos Drummond de Andrade, morrer ali enxutinho, fazendo as coisas, sentado em cima das pernas (r).

Inês: E a campanha, Gil, como vai ser montada?
Gil: Até mesmo por uma questão de reafirmação desses princípios que eu defendo mais hoje em dia, eu não quero essa idéia de candidatura que não vai ser financiada pelo dinheiro do mundo negocial, que não vai dialogar com as linhagens do universo político, que vai rodar o chapéu na rua. Não é uma candidatura hippie, entendeu?, eu não quero que seja porque eu não acho que seja a forma mais eficaz, eu acho pelo contrário, a gente tem que exigir respeito e responsabilidades do mundo instituído, exigir, tomar para nós, para as nossas mãos, para exercê-las, a elas, respon-



"Não importa a cor dos gatos se eles comem ratos, eu quero é comer ratos."

NÃO É UMA CANDIDATURA ALTERNATIVA

sab... dados... junto com eles. Nós temos que... ex gr... ins de passagem... como... algo nos... temos que... ex gr... que os vê nos nos... n... em... na vida que eles vivem.

"Eu sempre gostei de ser o que viabiliza as contradições, o que viabiliza a harmonização dos opostos."

E aquilo que eu digo, não pode haver no-va república sem novos republicanos. Se nós não tivermos a coragem de ir pedir a eles o espaço deles para nós, não podemos exigir que eles nos dêem o direito de impor o nosso espaço a eles, entendeu? Então eu quero uma campanha assim, eu quero discutir com o cara, o empresário, o dono do dinheiro que está acostumado a se relacionar com o mundo político dessa ou daquela forma, eu quero saber o que ele diz, como diz, quais são as exigências dessas negociações. Se tem a generosidade profunda de deixar que a gente faça um governo novo com o dinheiro dele. A gente tem que testar essas coisas.

Nós nos abstermos o tempo todo de ir para o mundo da política, nós os nobres, nós que rejeitamos o poder, nós todos que acreditamos no anarquismo, que achamos

que o anarquismo pode ser a solução... que recusamos o poder e o dinheiro como sendo o demônio... o demônio... do mal... da vida... do qual você não pode ter... como se o demônio não existisse dentro de nós. Eu não quero essa aparência. Então eu estou conversando com os políticos, eu estou conversando com o mundo dos negócios, com as áreas de movimentos, com o sindicalismo, com tudo, porque eu acho que a gente precisa encaminhar esse processo no sentido social-democrático, passar pelo caminho do meio, que não seja nem os extremos da direita nem os extremos da esquerda. Que seja, como eu digo o tempo todo, uma possibilidade de reunião harmônica dos resíduos convenientes do produtivismo capitalista e do distributivismo socialista, entendeu?

"Não pode haver nova república sem novos republicanos."

Mônica: Uma coisa mais adaptada à realidade brasileira, talvez?

Gil: Claro, claro que tem que ser adaptada à realidade brasileira. Mas a gente tem um papel dinâmico na realidade brasileira (r). É adaptar-se a ela mas com uma proposta nitida de avanço. Tá certo, vamos nos associar ao capital, ao poder político. Agora, para quê para de xar... do como está? Não a diferença e essa a diferença tem que ser essa. Não ter versamos em quê? Não seria substância a natureza do governo. O dinheiro não importa, não importa a cor dos gatos se eles comem ratos, como diz o... der... ch... nês agora... da fase de modernização da China... C... e... eu... o... e... comer ratos... mesmo... r... os... vamos comer os ratos... e... se... tem... um... gato... que... diz... Vamos comer os ratos... e... outro... que... diz... Não... eu... vou... ficar com o que come ratos. Agora, se ambos dizem vamos comer os ratos, então vamos... me... de... os... instr... um...entos para comer os ratos. De resto a gente precisa do dinheiro precisa do cap... ta

Então me... senti... mento... e... esse... Essa... co... sa... do... cam...inho... do... meio... em... mim... é... uma... coisa... orgânica... é... uma... coisa... que... sempre... fo

assim. Na época do movimento estudantil, apesar de concordar, de me sensibilizar com as teses da esquerda, do partido comunista e etc etc etc, eu nunca na verdade me associei àquilo porque eu nunca quis estar isolado numa visão extremada. Eu nunca cai para a direita, nunca quis ficar com a direita, nunca quis me tornar nesse sentido um grã-fino, sempre quis manter em mim a essência popular, aquilo que é de onde eu venho, a simplicidade, as formas da vida comum, sempre quis ser um popular nesse sentido.

Inês: Popular e feminino...

Gil: Masculino, feminino, eu sempre gostei de ser o que viabiliza as contradições, o que viabiliza a harmonização dos opostos, não é agora que eu vou deixar de ser. Minha campanha é isso, minha gestão será isso, tudo o que eu fizer em política ou em qualquer outra coisa na vida vai ser isso. Deve estar no meu código genético, lá na mônada que formou minha alma, que determinou a minha...

Inês: Na o quê?

Gil: Mônada, que é uma palavra que vem da ciência esotérica, dos planos espirituais. São os grandes conjuntos álmicos, que determinam características comuns de tribos de indivíduos, como se fosse uma raça astral, a minha raça astral (r) é essa.

Gerson: A gente tem que ir a Salvador votar...

Gil: Eu acho que a minha candidatura é uma candidatura nesse sentido nacional, está sendo, felizmente, ela tem essa capacidade de aglutinar. A época das eleições ela vai ser a segunda candidatura de todo mundo, você vai estar votando para prefeito aqui e pensando no Gil em Salvador, vai estar votando para prefeito em Belo Horizonte pensando na candidatura do Gil em Salvador, todo mundo vai estar torcendo, votos espirituais vão estar sendo dados. Isso é muito importante, até no sentido de que isso vaza para a mentalidade da Bahia, impulsiona o povo da Bahia no sentido de dizer Olha aí, o pessoal está pensando na nossa responsabilidade aqui de eleger uma candidatura nova. Então eu estou muito tranquilo, satisfeito. Sei que vai começar o combate, no sentido mais guerreiro mesmo da palavra, já está começando, mas isso eu tenho tido também na vida artística, tenho tido que combater os detratadores, os maledicentes, os caluniadores, os inimigos mortais. Quer dizer, mesmo na música a gente tem inimigos mortais, na política também vamos ter. E vamos correr riscos, como estamos correndo o tempo todo.

Inês: E partido?

Gil: Ainda não tenho, porque também o quadro partidário está muito confuso no Brasil. Vai haver muitas defecções, vai haver muita purgação, certos resíduos negativos que há em certos partidos hoje vão desaparecer, outros partidos talvez vão ser formados. Como eu tenho até maio para decidir eu quero retardar isso, até porque é preciso que a campanha ganhe força para começar a sensibilizar forças políticas, que não vão se manifestar enquanto a candidatura não tiver potencial de voto. Porque candidatura é isso, quem vai definir candidatura é voto, e quem vai definir voto é a opinião popular, a opinião do eleitorado. Os primeiros indicadores domésticos, daquelas pesquisas que a mídia faz em Salvador, indicavam há 3 meses, quando começou a se falar da minha candidatura, que eu estava em sexto, sétimo, num universo de 15 candidatos possíveis. Há cerca de 15 dias um desses indicadores já me colocava em terceiro para quarto. Uma pesquisa de hoje da TV Manchete já me colocava em segundo.



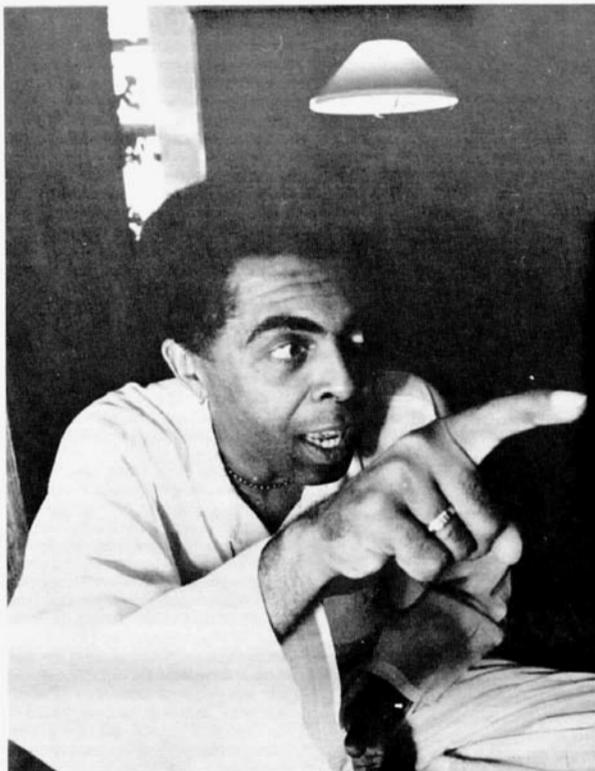
Com Sandra e Pedro: "O amor da gente é como um grão, uma semente de ilusão."

J. Ferreira da Silva

FLUIR, COMO A ÁGUA

"Todo mundo voltando para o meio, segurando um pouco a barra pelo meio, porque está tudo muito pelas pontas."

Avani Stein



"Acho que ser crítico ao sistema e às instituições você tem que continuar sendo, mesmo como prefeito você tem que criticar a prefeitura."

"O liberalismo exacerbado é liberticida, ele vai acabar matando a liberdade em nome da liberdade."

é represada; quando ela tem que transbordar, ela transborda.

Mônica: Mas isso tem uma certa passividade...

Gil: Passividade nada! Isso é a vida, isso é o Tao, isso é o que o Mestre me ensinou. Mônica: Você fala de internacionalização. Você acha que deve haver um sistema supragovernamental que as nações entreguem sua soberania a uma coisa internacionalizante?

Gil: O processo de formação do que a gente pode chamar de um governo mundial é um processo em encaminhamento. Todas as nações hoje em dia, pelo menos se você considera grupos de nações, o G1, o G2, o G3, o G4, os chamados grupos todos, todos eles fazem parte de uma governança internacional. O Primeiro Mundo administra, tem uma certa preponderância, mas ele depende do Segundo Mundo, e depende do Terceiro Mundo há interdependências cada vez maiores, porque se planetarizou o governo não ná má s as d stânc as na Ter-

"Ulysses Guimarães é redimido por nós, é a possibilidade de que nós sejamos novos políticos que vai redimir o velho político, tá entendendo?"

ra. O que há mesmo hoje é o governo mundial, co-responsabilidades. Você pensa que os Estados Unidos e a Rússia, que aquilo ali é uma briga? aquilo ali é um teatro necessário. Você chega na biblioteca do Cremlin está tudo ali, de um lado as obras russas, do outro a biblioteca do Pentágono, e vice-versa. Porque é assim mesmo, eles têm que segurar uma barra conjunta.

Mônica: Mas por exemplo, no caso da Rússia, ela invade o Afeganistão e não é excluída do sistema internacional. Na África do Sul você tem o apartheid...

Gil: Mas também teve o Vietnã. Isso é o homem, isso é o ser humano, você pensa que isso é o governo americano, o governo russo?

"Agora é passar pelo caminho do meio, buscar a possibilidade de reunião harmônica dos residuais convenientes do produtivismo capitalista e do distributivismo socialista."

Mônica: Eu estou falando de uma organização internacional. Acho que ela é muito falha, ainda, o poder dos países do centro é prevalecido.

Gil: Claro, porque são superpotências estelares, nucleares, em comparação com a gente que está tentando soltar um fogueteinho ali de Barreira do Inferno e mal consegue (risos). Diferenças há sempre, sempre vão haver. A revolução russa feita pelos bolcheviques, ela tinha toda uma coisa!... Setenta anos depois olha aí, mil buracos que ficaram, o stalinismo, os campos de concentração, os extermínios. Enfim, é uma barra pesada, a imperfeição é a medida do homem (ri). A gente tem que ser um pouco minimalista nessa coisa agora, nessa exigência do ser humano. É isso que eu estava falando na primeira fala que eu fiz aqui, a gente não pode continuar com esses graus de exigência absurdos do ser humano, como se a gente tivesse que extirpar o mal da humanidade. É falta de compaixão!... Entendeu? O liberalismo exacerbado é ipert e ca, ele vai acabar matando a verdade em nome da liberdade. Você veja em nossos casos veja o hippie, o drop out, os movimentos de contestação que queriam o amor def n l vo, a harmonização e a unanimidade dos propósitos benevo os da humanidade bababa bababá bababá acaba dando em quê? Acaba dando nos hei angels daqu... quer o zer, aq... lo mesmo é o embrão para o surgimento do demônio do outro lado, o punk aparece quebrando tudo, o skin head batendo nas pessoas com correntes em andres e um certo demonismo, e o neonazismo, e o diabo a quatro. O oposto gera o seu oposto, a extremização da ação dá sempre n sso, você vai para o extremo yin você vai dar no yang, você vai para o extremo yang você vai dar no y n e ca ass m não adianta. Em determinados momentos, quando essa roda começa a girar de uma forma muito vertiginosa, é preciso a gente cair para o meio, é preciso a gente cair para o meio para de uma certa forma equilibrar a força centrífuga com a força centrípeta, essa força centrífuga que chegou ao máximo agora, uma irradiação, uma irradiação, a roda girando

a mil, um aça de sair, de sair do contexto aglutinador do sistema, agora tem que ser equilibrado um pouco pela força centrípeta. Todo mundo voltando para o meio, segurando um pouco a barra pelo meio, querendo vir para o centro, porque tá tudo muito pelas pontas e essa coisa de estar muito pelas pontas ameaça que a roda bluuuuuu, vire. Então não é acomodação, não é conciliação no sentido negativo. Eu não acho que esse movimento centrípeta tenha que ser necessariamente assinalado com um sinal menos, pelo contrário, ele agora assume o papel de sinal mais. O sinal negativo ficou nas pontas extremadas, agora é preciso de novo equilibrar. Vamos nos associar, o velho associado ao novo, produzir o presente, o futuro associado...

Avani: Mas não ao velho velho!...

Gil: Ao velho como ele é, o velho como meu pai (ri). Eu vou negar que ele seja meu pai? É o velho como Ulysses Guimarães mesmo, tá entendendo? É o velho Ulysses Guimarães, o que a gente tem que dar a ele é a oportunidade de redenção. Ulysses Guimarães é redimido por nós, é a possibilidade de que nós sejamos novos políticos que vai redimir o velho político, tá entendendo? O que ele está fazendo ali, coitado, é segurando uma barra danada para que a gente tenha oportunidade, é isso que ele está fazendo lá (ri). Ficar aqui de fora xingando o Ulysses Guimarães é muito fácil, muito fácil.

Você veja o que é um coração velho, a beleza trágica de um coração velho... Naquele episódio ali dos 4 anos de mandato do Sarney, a menina perguntou no final da entrevista assim, Mas o senhor não acha que o seu coração se abalou com esse episódio aí difícil, a conversa difícil com Sarney, o senhor não ficou aflito?, ele disse assim Minha filha, se eu fosse me afogar com a política eu já estava enterrado há muito tempo. Você imagina que tombos ele não já tomou por aí, nessa vida toda. É como diz Gramsci, ceticismo na cabeça mas otimismo na ação.

Inês: É possível essa dissociação?

Gil: Não é uma dissociação, é uma simbiose. O ceticismo é natural, o serviço tem que ser de-sin-ter-res-sa-do. Você não pode esperar por resultados. Você não pode fazer para que resultados sejam obtidos.

Mônica: Mas as pessoas têm muito de fazer alguma coisa com um interesse por trás.

Gil: É, mas isso é um reflexo ultimado de toda a sociedade. Isso é assim, é o irmão que quer a roupa do outro, compra para mim, não compra para o outro, isso começa em casa, no micro. É na cozinha, a cozinheira que quer ganhar mais que o motorista, o motorista que acha que deve ganhar mais do que a arrumadeira. Na administração lá de casa eu vejo, é assim, sou eu dentro da própria gravadora, o artista tal que se revolta porque acha que determinado ato do diretor da companhia é favoritismo com relação ao outro. Isso aí é a vida humana, esse é que é o problema. As pessoas não podem esquecer que a representação política é apenas a representação cênica, o teatro em cena de uma coisa que está ocorrendo lá nos bastidores, com todo mundo, só que eles vão para frente representar esse teatro. Eles não são nada diferentes de nós, nada (ri).

NOVAS EXIGÊNCIAS DO BEM

"Então é aquilo que Ghandi dizia, o que é Deus? Deus é aquela qualidade que move tanto o bisturi do cirurgião quanto o punhal do assassino."

Inês: A Veja deu uma foto bonita, sua e da Benedita da Silva. Querida que você fale-se um pouco da sua relação com ela.

Gil: Conheci Benê muito rapidamente, estive com ela duas vezes, em Brasília. Uma vez foi por acaso, eu cheguei num hotel, ia ter um encontro de despacho com o Ministro da Cultura, e ela estava no hotel onde eu fiquei hospedado. No café da manhã me encontrei com ela, fomos apresentados por amigos comuns e depois tive um outro encontro com ela, aí já de trabalho, em função de um conjunto de reivindicações da área negra para a Constituinte. Ela é uma grande figura, é uma guerreira, lutadora daquelas, já é avô!

Isso tudo eu acho bonito, é a vida, tudo se misturando, é a grande tragédia humana. Eu só consigo definir assim. A imperfeição é a medida do homem. "Prezado amigo Alfonsinho, eu continuo aqui mesmo, aperfeiçoando o imperfeito, desprezando a perfeição." Não tem jeito, é igual, não muda nada.

Inês: E muda tudo...

Gil: Muda tudo, no sentido da espiral. Quer dizer, o pontinho da origem está aqui, então a primeira curva é aqui, a segunda é mais em cima, a terceira mais em cima, mas está tudo ligado àquele fiozinho lá de baixo, vai tudo subindo, se desligar daqui desliga tudo, aquela imensa curva que tem lá em cima que parece que é tudo é aquele pontinho lá de baixo, esse pontinho lá de baixo não existe sem aquela curva lá de cima e essa curva lá de cima não existe sem esse pontinho lá de baixo. Então é aquilo que Ghandi dizia, O que é Deus? Deus é aquela qualidade que move tanto o bisturi do cirurgião quanto o punhal do assassino. E isso (r). Agora, os carolas querem que Deus seja o bisturi do cirurgião e o Diabo o punhal do assassino. Mas aí é que está, esse é que é o problema grave das religiões, que elas de repente não se sabe porque razão tentaram separar o Bem do Mal, quando o Bem e o Mal são a mesma coisa. Eles têm que ser vistos como polaridades de uma dinâmica que faz com que a espiral suba, que isso vá assim... Novos

graus de aquisição do Bem vão determinando novas instalações de Mal e essa nova exigências do Bem e novas conquistas do Bem... E o Bem e o Mal estão dentro do próprio Bem, o Bem e o Mal estão dentro do próprio Mal, é como nas estruturas atômicas, como a ciência acabou de ver, quanto mais divide mais tem, mais tem, era o átomo depois era o elétron e o neutrão, era o próton depois era a partícula subatômica, não sei o quê.

As pessoas dizem assim Esse discurso é muito incompreensível, as pessoas não querem saber disso. Por quê?, porque as pessoas estão aí presas no maniqueísmo a que foram levadas. São a massa de manobra, são a massa crítica dessa grande manipulação que se faz. As classes baixas autorizam a classe média a esse maniqueísmo, a classe média autoriza a pequena burguesia a esse maniqueísmo, e as classes dominantes vão para lá representando esse mesmo maniqueísmo. E aí fica essa hierarquia toda de perpetuação dessa visão dicotomizante da vida...

Mônica: Seria um trabalho de começo pela base?

Gil: Acho que é tudo, você tem que trabalhar na extensão do espectro todo. Porque também nós não podemos introjetar essa dicotomia de novo, vamos separar e começar por aqui. Não, e ali, como é que fica? Lá no alto? Você vai trabalhar na base, nos movimentos sociais, no sindicalismo, na solidificação da capacidade reivindicatória das massas e etc. E as elites?

"Acabou, vam'bora, vamos fazer, vamos para o sacrifício."

Mônica: Mas elas já estão no poder.

Gil: Sim, e daí? Elas já estão no poder, assim como o pai de família da classe operária também está no poder sobre a mulher, sobre os filhos. São reproduções. Estruturas de poder. Tem que fazer na extensão inteira, o tempo inteiro, de baixo para cima, de cima para baixo, na horizontal, na vertical, tudo. Tem que fazer as resultantes o tempo todo. Nos dois eixos você tem que tirar as resultantes, o tempo todo. A intervenção tem que ser oblíqua, um corte que venha de cima até embaixo. Aqui ó, páaa.

Para eu poder dar descanso ao velho operário que durante 20, 30 anos teve que acordar às 5 h. da manhã e lascar o seu suor ali, com sua razão restrita, eu tenho que agora, eu que sou príncipe, mandarim, guru e essas coisas todas, mestre, o diabo a quatro, que posso ficar no Macksoud Plaza, tenho que ir lá e dizer Não, para mim 28 horas por dia e não 24 (r). Tá entendendo? Nós precisamos exigir cada vez mais das elites. Qual é o compromisso adicional que a gente pode dar às bases? As bases estão exauridas, extenuadas. A idade média de um nordestino é hoje de 40 e poucos anos, o que é que se vai exigir mais desse povo? Então é isso, tem que partir de uma vez, acabou, vam'bora, vamos fazer, vamos para o sacrifício.

Inês: Isso dá a esperança da gente entrar no Terceiro Milênio quem sabe com um presidente, ou primeiro ministro...

Gil: Eu não quero nem saber dessa coisa. É o Tao, é o caminho, é o caminhar. Se tiver de ser será, isso é que não se pode negar. Se tiver de ser será. Eu não vou trabalhar contra o destino do Brasil. O destino da humanidade, eu sou totalmente solidário a ele, é esse compromisso com o destino do homem que me faz exatamente en-

trar, e se eu tiver que ter papéis a, b, c, c eu vou tendo, todos, serviço desinteressado. Eu sirvo ao Senhor, eu sou um religioso. Ao Senhor e à Senhora (r). Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. E quero que as pessoas captem a intenção, a extensão da intenção, para poder ajudar, poder se somar ao processo. Para não ser eu sozinho aí, de Quixote...

Inês: A árvore de pau-brasil...

Gil: "Troncos de mil árvores velhas de pau-brasil". "Febril", é o nome da canção, por isso que eu tô nessa febre... febril. Porque é o abrasamento, é o fogo, o fogo que não destrói mas é abrasador, é um fogo sem labareda, o fogo da eletricidade. Fogo elétrico, moderno, é isso que a gente tem que ter agora. Essas coisas destruidoras... toca fogo! invade! a tomada da Bastilha, essas coisas todas acabaram. Agora é por dentro, é pelas teclas, pelas máquinas, pelos circuitos integrados, pelo transistor. Acabou a válvula, agora é o quartzo, uma pedrinha de quartzo assim desse tamanho que armazena milhões e milhões de dados.

"Eu quero que as pessoas captem a extensão da intenção para eu não ser sozinho aí, de Quixote..."

É tudo um grande processo. Só que até que a gente desbaste esse terreno da deficiência material do mundo para que todas as almas e todos os espíritos possam ascender a essa compressão... É o Karma, isso é o Karma da Terra. E Karma se paga com trabalho, entendeu (r)? Eu tô assumindo o meu, é isso.

Inês: É uma candidatura negra?

Gil: Essa é uma coisa que precisa ser muito discutida no Brasil. A emancipação da raça negra, que tem que ser feita, não pode ser vista pelos brancos, pelos outros segmentos étnicos, como uma ameaça, tá entendendo? Não pode ser vista como uma ameaça. Então, portanto, o negro não pode entender seu processo de emancipação também como uma ameaça, ele não pode ser ameaçador. Não é por aí.

Tem que assumir a diversidade, a unidade da diversidade... É um paradoxo difícil de ser entendido, porque ele investe brutalmente contra todo esse sentido de separação homem-mulher, dia-noite, certo-errado, bem-mal, que foi o substrato do en-

caminhamento da humanidade até hoje. Então esse é o grande desafio do milênio, superar esse paradoxo do ser humano. Ou a gente consegue ou a gente sucumbe. Não se pode esperar, tem que fazer o trabalho. Inês: E o que você achou do jornal? Gil: Legal, bacana. É um papo, é setor. Agora vocês têm que ir abrindo, ampliando, ampliando...

GIL

"Karma se paga com trabalho, não tem jeito. Eu tô assumindo meu Karma, eu tô indo para o pau."



A versão de Cida.

Aos 16 anos, Fernando Ramos da Silva se casa. Aí começa uma história que pouca gente conhece. Pai carinhoso e marido dedicado, tenta, ao lado da companheira Maria Aparecida, livrar-se do estigma de marginal que, no entanto, o acompanhou até a morte.

PAULA MAGESTE

“O Fernando era superdiferente daquilo que falavam dele. Dava para perceber que ele precisava de amizades e pessoas que o ajudassem”. O Fernando em questão é o Ramos da Silva, o Pixote, como ficou conhecido após ter participado do filme homônimo de Hector Babenco, em 1990. A declaração é de Maria Aparecida Venâncio Silva, companheira de Pixote há cinco anos, “dois de papel passado”, como salienta.

Segundo ela, a vida de Fernando, marcada por anos de internação na Febem e passagens pela polícia, mudou completamente depois que se conheceram. “O problema dele eram as companhias que ele tinha perto da casa da mãe. Ele se apegava muito a todo mundo. Com o tempo, começou a sentir que no mundo não existe amizade. Ele tinha que confiar nele mesmo se quisesse um objetivo na vida”.

Cida, como é chamada pelos amigos, conversou com Fernando pela primeira vez na casa de uma amiga comum aos dois. No fim da noite, pediu-lhe um beijo: “Ele só não imaginava que eu ia dar um beijo na boca, porque na época ele tinha namorada e eu também”. Pouco tempo depois, começaram a namorar e Fernando passou a ter um contato mais acentuado com a família dela, “que dava a maior força para ele”.

Há aproximadamente três anos, Fernando foi preso nas imediações da casa de Cida, por porte ilegal de arma. “Ele podia ter fugido. Só não fez isso porque respeitava muito minha mãe e pediu para ela acompanhar ele. Depois até o pessoal dele achou que a minha mãe tivesse entregado ele para a polícia”.

Maria Aparecida argumenta, cheia de mágoa, que esse tipo de perseguição a Fernando era frequente: “Qualquer pessoa que é presa por porte de arma paga uma fiança e é solta. No caso dele não, porque era o Pixote”.

Sonho e realidade

Muito se fala da frustração de Fernando Ramos da Silva por não ter prosseguido com sua carreira artística, iniciada de fato com o filme de Babenco. Cida dá a versão de quem conheceu Fernando na intimidade: “No tempo em que ele vivia com a mãe, a carreira artística era o grande sonho. Depois que a gente casou, ele mudou de ideia; viu que isso trazia muitos problemas. Pegava os trabalhos pelo dinheiro, não pela fama”.

No entanto, esse foi um fantasma com o qual Cida conviveu durante um bom tempo. Percorriam estúdios e tiravam fotos, mas Fernando nunca era chamado. Embora eu desse a maior força e acreditasse nele, tinha medo que ele ficasse famoso e se afastasse de mim”.

Depois de casado, Fernando revelou-se um marido atencioso e um pai muito carinhoso. Cida confessa até mesmo ter sentido ciúmes dele com a filha, Jaqueline, que completou dois anos recentemente. “Acho que por causa da pouca idade que a gente casou, a gente se respeitava, não queria dar ordens um para o outro”.

Fernando trabalhava então fazendo carregamentos em um caminhão que havia comprado em sociedade com um dos irmãos de Cida. “O trabalho dele era uma brincadeira. Trabalhava só três vezes por semana. Ele chegava cansado, suado e ia dormir. No dia seguinte, eu ficava com pena e não tinha coragem de acordar ele. Então, meu irmão achou melhor trocar o caminhão por um bar. A vida da gente melhorou um pouco depois disso”.

Na administração doméstica, Cida dava o tom: “Eu controlava o dinheiro. Se um mês eu deixasse ele tomar conta do dinheiro, aquele mês era de aperto. Nunca podia abaixar a voz para ele. Não podia deixar ele levar a coisa, senão virava baaunca”.

Pixote: o peso da fama

Por trás do mito, do homem de carne e osso. Do mito, Cida só conheceu o estigma, que ajudou Fernando a carregar por toda a vida. Do homem, conheceu mais do que qualquer um. E amou também. “Conheci o Pixote marginal e suas frustrações. Quando ele falava era tanta choradeira que eu tinha até pena. Para taxar alguém de marginal, a gente deve olhar bem fundo no espelho. As pessoas têm um motivo para aquilo que fazem. A gente também nunca sabe o que ainda vai passar”.

Cida lembra com revolta as inúmeras vezes em que procuraram ajudar — um contato, um emprego, uma indicação — e o máximo que conseguiram foi “indiferença e a generosa doação de R\$ 50 sempre doados por Cida, devotadamente acompanhados de palavras e desatios”. “Talvez os grandes não conhecessem e as pessoas estavam abaixo sempre reconhecendo. E a minha carinha pelas pessoas apesar de só levar porretada num namorado aprovaram dele em vida e depois de morto. Eu sempre tento esquecer”.

Fernando era muito dependente de Cida, respeitava muito e encontrava o apoio que precisava. Antes de morrer no dia 25 de agosto deste ano, tinha pensado os frequentes custos, os temas eram naturalmente a morte. Ao cortar os para a compaheira faz a brincadeira ras do zero que ia para o céu. Cida confirmava: Inferno e essa porra de vida que a gente vive”.

Se o Fernando estivesse vivo e estava na merda. E tentava mudar mas era difícil. A polícia a perseguia a muito mandava a recaos para e andar na rna. Ela o a que se e fosse fr-



Cida: “O Fernando era meu príncipe encantado”.

Mulher de Fernando (Pixote)

co iria a analistas, mas estaria apenas abalando as coisas. Sempre tentei fazer ele negar o Pixote, mas não tinha jeito. Se a gente nascesse de novo, ele seria marginal”, arrisca ela.

“Para mim não existe sociedade. É um amontoado de gente e ponto. Sou uma agitadora, sempre lutei pelos meus direitos. Mesmo assim, era membro da sociedade. Depois que senti na carne, vi que as pessoas merecem uma chance. Eu gostava de ser mulher de marginal, porque a melhor coisa que tem é as pessoas falarem algo que não é verdade. Tudo o que falam dele não me agride, porque eu não conheço esse lado dele. Fernando era meu príncipe encantado”, fala, emocionada.

Morte arranjada

Maria Aparecida não tem dúvidas de que a morte de Pixote “foi uma jogada da polícia”. Cida diz ter estado com ele no Jardim Canhema, onde mora a sogra, no dia em que morreu. “Ele estava em cima do muro quando vieram os policiais atrás dos marginais que tinham feito um assalto. A polícia dizia que ele tinha 570 mil, mas o dono do lugar disse que não tinha nada a ver. O Fernando não estava armado. Você acha que e não teria a atitude cara para a própria vida? Só um coisa acredito na versão da polícia. Só não vê quem é cego. Marginal e a. Os próprios policiais estão no meio da má andragem”.

De fato, embora tenha se afirmado — inclusive com a confirmação do menor M D B — 16 anos,

supostamente cúmplice no tal assalto — que Fernando portava uma Smith & Wesson calibre 32, o exame de ballística não conseguiu identificar sinais de pólvora em suas mãos.

“Tudo foi tão rápido que até hoje espero que ele volte. Só acreditei que ele estava morto quando o Dema, irmão dele, voltou do Pronto Socorro e me entregou a pulseira e a chave de casa, que ficavam com o Fernando. Depois, eu mesma fui ao Pronto Socorro. Não parecia que ele estava morto, mas ele tinha uma marca de coronhada na testa”, conta Cida.

Em matéria de projetos, Maria Aparecida não aventa nada de concreto, a não ser a luta pela publicação do livro da biografia de Fernando, Vida e Sonhos de um Ator — Pixote, a Lei do Mais Fraco. “Quis terminar de escrever o livro, não por dinheiro, mas para que as pessoas vissem que ele era o Fernando. A Editora Global queria que eu escrevesse uma coisa diferente, mostrando o Fernando que eu conheci. Falta só o tal do copidesque, na própria editora. Quando esse livro for editado, o Nando vai dar pulos na minha cabeça”.

Concreto também é o desejo de dar assessoria a crianças desamparadas, as crianças abandonadas de marginais da sociedade. “Se eu pudesse ter a oportunidade de fazer isso, eu e o Nando sonhamos a fazer isso. A única coisa que se encontra e esses caras não estão. Para os outros sempre há um plano. Faltam pessoas e ânimo para ajudar”.



Cida e Jaqueline: vida nova, tentando mostrar o Fernando que ninguém conheceu.

Franca Sciuto: presidenta da Anistia Internacional

Na véspera do Dia dos Direitos Humanos, 9 de dezembro, a Anistia Internacional lançou em São Paulo a campanha **Human Rights Now**. A despeito do destaque ter ficado para as estrelas pop, Sting e Peter Gabriel, era uma mulher que comandava o espetáculo, a italiana Franca Sciuto, presidenta do Comitê Executivo da Anistia Internacional.

SANTAMARIA SILVEIRA

Franca Sciuto é advogada e milita há 15 anos na Anistia Internacional, tendo fundado a primeira seção italiana. Seu engajamento em defesa dos direitos humanos começou quando ela perdeu um amigo africano, morto em defesa dessa causa. "É e compreende o que significa a democracia e resolveu morrer por ela. Decidi lutar para levar adiante esta proposta".

A campanha Human Rights Now (Direitos Humanos Já), prevista para 88 é a mais importante da Anistia e encerra o último ano dos três mandatos de Franca Sciuto: "Pretendemos consolidar a opinião pública e os governos sobre os direitos humanos, explica aproveitando o 20º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Desta vez, através de shows e percorrerão todo o mundo. A Anistia também quer fazer membros,ovens que se somarão aos seus 700 mil colaboradores".

Admto que existe uma contradição na proposta observa Franca. De um lado ainda existe a gente que não conhece os próprios crimes de outros governos e se referem nas Nações Unidas para debater o assunto, mas torturam seus cidadãos. É mesmo se existem dezer análises por casos sobre os países admitidos. É difícil apontar onde a situação e mais crítica, que a situação de direitos e liberdade de países. Na América Latina aponta Chile e Cuba e na América como as maiores preocupações da Anistia Internacional.

Hoje a entidade tem uma rede mundial, não mais uma organização restrita ao Primeiro Mundo, onde nasceu em '96 com a publicação de um artigo de a libertação de presos políticos. Sua rede a nível contínuo sendo Londres onde toda a rede a de libertação de direitos e cada oitava eparados os dosses e reatada a situação e está sedado também o corpo de secretária. O segmento remunerado da Anistia, e o comitê. Nesta espécie de executiva da Anistia Franca, as reuniões são minúsculas mas são impedido que tenhamos uma atuação de qualidade.

Situação brasileira

A seção brasileira da Anistia Internacional no

entender de Franca Sciuto é jovem, profissional e competente. E para ela houve um grande avanço em termos constitucionais no Brasil, pois o projeto da Comissão de Sistematização, agora em votação no plenário, conseguiu brechar a aprovação da pena de morte, uma das bandeiras da Anistia, e passou a considerar a tortura como crime inafiançável, imprescritível de graça ou anistia. "É uma bela vitória depois de tantos anos de ditadura", comenta.

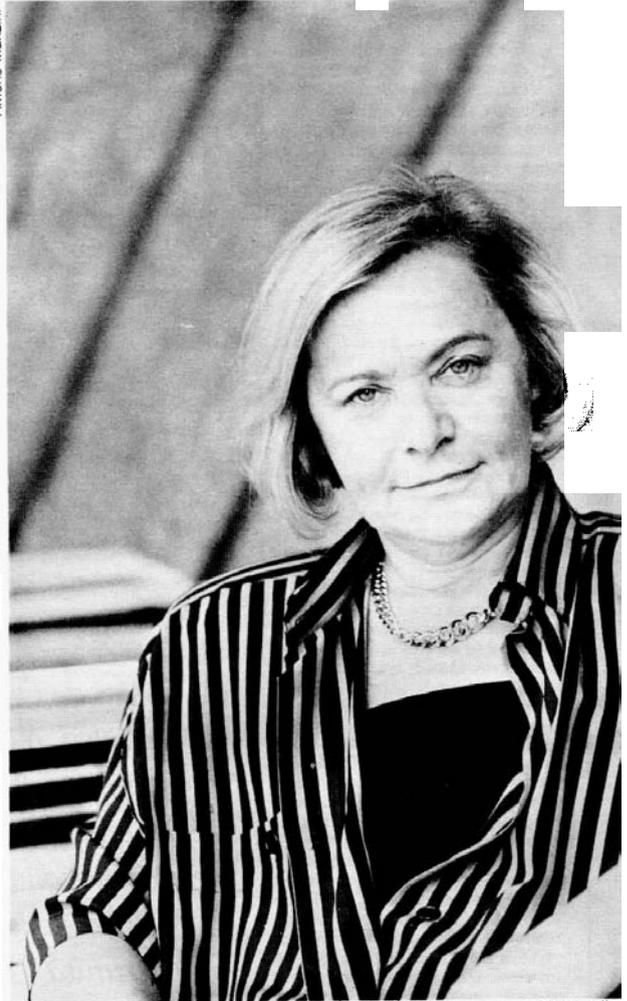
A violência no campo é outra das preocupações da Anistia Internacional no Brasil. "Não entramos na discussão da reforma agrária", enfatiza Franca, "nos detemos na violação dos direitos nessa disputa entre posseiros e latifundiários que já fez centenas de mortes". Depois de passar por Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, Franca também não deixou de horrorizar-se com a violência urbana, principalmente a policial.

Um dos novos casos que chegou ao seu conhecimento foi o da tortura perpetrada pela polícia paulista aos suspeitos do sequestro do banqueiro Beltran Martinez. "Em breve, o governo brasileiro deve ratificar a Convenção Contra a Tortura e caberá à seção nacional ficar alerta para que este ato não fique restrito às palavras, mas seja cumprido, nem que para isso seja necessário uma campanha de mobilização popular".

A presidenta da Anistia conhece o trabalho do Grupo Tortura Nunca Mais, organizado em 85 no Rio de Janeiro para combater todo tipo de tortura e lutar contra sua impunidade. "Estes grupos locais são muito importantes", diz Franca, "porque adquiriram sua experiência de luta pelos direitos humanos através de uma vivência muito dolorosa". Franca explica que a Anistia Internacional pretende no próximo ano ampliar o suporte que dá a esses grupos em todo mundo, como já vem fazendo na África do Sul.

Mostrando muita firmeza e ousadia, Franca Sciuto quer ainda nesta visita ao Brasil, encontrar-se com o ministro da Justiça Paulo Brossard para explicar-lhe pessoalmente o trabalho da Anistia Internacional ao longo de seus 25 anos de existência. "Somos uma entidade que ganhou o prêmio Nobel da Paz e consequentemente, ressoa no mundo a por fazer um trabalho sério". Com esses argumentos Franca quer rebater as críticas de Brossard que taxou a Anistia como organização inócuas.

Améris Manzini



Franca Sciuto: "Em breve o governo brasileiro deve ratificar a Convenção contra a Tortura"

Franca Sciuto gostou do Brasil. "Um país fascinante onde tudo é macro e gostaria de voltar para outra visita sem tantas reuniões de trabalho". Como ponto positivo, ressalta as mulheres: "Muito abertas, fortes e piu belle". De negativo, o número de crianças abandonadas nas ruas. Segundo dados levantados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o montante de crianças carentes no Brasil chega a ser assustador: 36 milhões.

No último ano de mandato à frente da Anistia Internacional, Franca Sciuto coloca duas prioridades, além da campanha Human Rights Now em 88, pretende trabalhar para obter mais denúncias contra a violação de direitos humanos em países anti-democráticos e iniciar a educação para a cidadania plena. "Será a partir do trabalho com as crianças que poderemos mudar o mundo", adverte Franca, "pois quem trabalha pela liberdade de outra pessoa, também trabalha pela própria liberdade".

Apesar de o militante da Anistia nunca agir ou se posicionar sobre a violação de direitos em seu próprio país com o objetivo de manter a objetividade e imparcialidade necessárias a uma entidade como a Anistia, Franca Sciuto não deixa de dar um pequeno parecer sobre a Itália: "também temos os nossos problemas e o principal deles é a demora que existe entre a prisão e o julgamento".



Quem

participa

A Campanha Direitos Humanos Já deve realizar vinte shows em países do Primeiro e Terceiro Mundos, reunindo um pool de grandes estrelas, como Tina Turner, Bob Dylan, Sting e Mark Knopfler do Dire Straits. Este time de primeira linha será engrossado por quatro nomes importantes da MPB: Beth Carvalho, Milton Nascimento, Gilberto Gil e Hebert Vianna do grupo Paralamas do Sucesso.

LUIS MOTT

Algumas evidências históricas e contemporâneas comprovam forte identificação no imaginário coletivo nacional da mulher de cor (negra, índia e mestiça) como símbolo e objeto sexual de consumo dos donos do poder. Na Bahia contemporânea - onde cerca de 70% da população é constituída de negros e mestiços - o termo **negrinha** na gíria popular é sinônimo de mulher fácil, quase meretriz, e nigrinhagem equivale a um ato de desonestidade ética e incircunspeção sexual. O poeta baiano Gregório de Matos, nosso principal cronista do século XVIII, explorou à exaustão o lírio libidinoso da mulher de cor, inaugurando em nossa literatura esta discriminatória e machista manifestação de racismo. No Rio de Janeiro, nos desfiles de escola de samba, batalhões de mulatas com ternos esculturais realizam verdadeiros shows de striptease, provocando com seus bem dotados bumbos rebeldes delírios eróticos em milhões de brasileiros que, segundo pesquisas do antropólogo Roberto da Matta, têm no "amor à italiana" (cópula anal) uma das preferências nacionais.



Várias têm sido as tentativas de explicação por parte de historiadores, cientistas sociais e psicanalistas para o alto índice de miscigenação no Brasil: convívio acidental com os mouros invasores, os portugueses já deturpados familiarizaram-se com as trocas sexuais com mulheres de outras etnias, daí não recusarem no Novo Mundo o relacionamento com negras e índias, dada a raridade das mulheres caucasóides. Na qualidade de proprietárias da terra e senhoras das gentes de cor, os lusos brasileiros usaram e abusaram integralmente dos corpos de sua escravidão, inclusive como objetos sexuais; convívio desde o nascimento com amas de leite, pagens e serviçais negras, encontrariam os brancos nas mulheres de cor a possibilidade fácil de realizarem suas fantasias edípicas, dada a desbragada prostituição praticada nas casas e fazendas do Brasil antigo. O humanista francês Charles Exilly, um dos mais críticos denunciantes do escravismo brasileiro na segunda metade do século XIX, dá uma explicação erótica para o nosso "étnico tropismo": "Aquele que sentiu duas vezes o cheiro acre, mas embriagador, da calunga de uma negra, achará desde então muito desenhado o cheiro que exala a pele da mulher branca", opinião semelhante à do Rei Salomão, que no **Cântico dos Cânticos** afirmava: "Nigra sum, sed formosa".

No imaginário brasileiro, Chica da Silva, a mais famosa das mulatas do período escravista, amante do homem mais rico do Reino, o desembargador João Fernandes de Oliveira, ocupa lugar paradigmático. Sua vida legendária foi provavelmente reconstituída pelo cineasta Cacá Diegues num filme homônimo Chica representando em nossa consciência coletiva uma espécie de estereótipo final do itinerário possível das escravas no seu processo de afiliação e ascensão social: personalidade e modelo viável em sua concretização máxima, da mulher de cor que através de sua sensualidade inebriante, quicá lançando mão de poderosos filtros de amor e felícios segredos aprendidos nas florestas africanas, cativa o coração e os sentidos dos brancos, até mesmo dos mais abastados donos do poder econômico e administrativo, como aquele apaixonado contrabandista de diamantes de Minas Gerais, metamorfoseando-se de escrava passiva em poderosa senhora. Nas

montanhas do ouro, a vida se tornava carnal e a escrava virando senhora e o patrio apaixonado tornando-se cativo. As milhares e milhares de cartas de alforria conservadas nos arquivos brasileiros revelam que apesar de no cômputo geral da população escrava predominar o sexo masculino - às vezes até uma relação de dez negros para uma negra, na hora da concessão ou compra de liberdade, privilegiavam as negras e mulatas, seja por privarem de maior familiaridade e gratidão do grupo doméstico dos senhores, seja pelos benefícios adquiridos através da prestação de serviços extraordinários de muitas libertas: investiu seu capital sobretudo na posse de outros cativos: ao morrer possuía doze escravos, sete machos e cinco fêmeas, incluindo mulatas de Angola, Benguela e sua própria etnia, além de quatro crioulos, entre estes, duas pretas. Como boa cristã do período barroco, teve muito medo do purgatório, tanto que além de exigir que fosse sepultada com o hábito de São Francisco, e encomendada por quatro sacerdotais, determinou que se celebrassem novecentas missas pelo descanso eterno de sua alma, 840 das quais no Reino de Portugal, certamente com a fé de que na Metrópole tais cerimônias teriam maior eficácia sobrenatural. Requetista! In pace!

Quatro africanas nascidas no antigo Reino de Daomé (Benin), quatro Marias, três das quais pertencentes a uma etnia pouco conhecida pelos historiadores - a Nação Courana, e uma da tribo Arára - encontraram sucesso semelhante ao de Chica da Silva. Duas encontraram no comércio, prestação de serviços e mineração o caminho para o sucesso material; as outras duas utilizaram a religião como estratégia para consolidação de seu prestígio social. Todas viveram em Minas Gerais nos meados do século XVIII, "sociedade permeável à ascensão social de elementos aflorados, dada a invisibilidade de estirpe fideigreja quanto à estratificação social".

MARIA DO Ô ficou na história pátria através de um único documento: seu testamento registrado no Livro de Ôbitos da Freguesia do In-funcionado, no Bispo de Mariana, ano de 1754. Assim mandou escrever: "Declaro que sou natural da Costa da Mina, da nação Courá, e não tenho pai, nem mãe, nem herdeiros ascendentes ou descendentes por serem já defuntos na minha terra. Declaro que sou terra livre, que dei a meu senhor 256 oitavas de ouro, o meu valor, como consta da minha carta de liberdade que se passou no Cartório de Vila Rica. De quem não tenho filhos, e o nomeio como meu testamento". Tudo nos leva a crer, analisando o rito de seus pertences, que esta liberta africana amehleou seu patrimônio com a mineração, provavelmente iniciando sua acumulação de capital no comércio ambulante de gêneros de consumo imediato, tal qual milhares de outras **negras do taboleiro** que perambulavam incansáveis os riachos e faisqueiras das Gerais, recebendo ouro e diamantes dos escravos em troca de seus comens e bebês. Maria



Deniz Barros

As duas próximas libertas - Rosa Maria e Josefa Maria, ambas da etnia Courá, optaram por outra estratégia no seu itinerário de ascensão social: através da manipulação da sobrenatural, proclamaram-se e foram reconhecidas como pontífices, isto é, pontes entre a terra e o céu e intérpretes dos designios celestiais.

MARIA DA COSTA foi contemporânea e vizinha de Maria do Ô, pois também morreu em São Caetano, após registrar seu testamento em 1745. Era ã Negra Arára (Porto Negro), solteira, tendo comprado sua alforra por 190 oitavas de ouro. Em vez de imóveis, esta daomeana investiu principalmente em escravos; possuía nove cativos em idade economicamente ativa, com menos de 30 anos. Depois, aplicou seu capital em jóias de ouro. Avadeia ostentatória destas "Vênus de ébano" escandalizava os moralistas: o jesuíta italiano Giovanni Antonio Andreoni (Arzozzi) já em 1711 denunciava os "excessivos gastos em cordões, agulhas e outros brincois, dos quais se vêem hoje carregadas as mulatas de mau viver e as negras, muito mais que as senhoras". Maria da Costa parece ter servido de inspiração para tal cômico rito, pois em seu testamento declarou possuir as seguintes enteltes, todos em ouro: dois emens de cordões de pescocça, uma cruz, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, um Menino Jesus, um Espírito Santo, quatro pares de brincois, um anel de filigrana, seis pares de botões, vários braceletes e corais, perfazendo tudo mais de 600 gramas de ouro puro. Era mulher requir tada também no vestir: malgrado o calor tropical da Comarca de Vila, e a proibição real de os negros usassem tecidos de gala, possuía um vestido de seda preto e um conjunto azul claro, tudo em processo veludo, provavelmente importado de Flandres. Como liberta, adquirira o privilégio de andar calcada; trazia um par de fivelas de prata em seu sapato. Sua residência de telha em São Caetano devia ser das casas de peak: mais sofisticadas da vila; seu serviço de mesa incluía sete colheres e um garfo de prata, seis pratos de estanho, além de pratos de cobre, bacia de prata e demais trastes de casa. Suas roupas de cama e mesa eram de um tecido azul na praça; quatro lençóis de linho, seis toalhas de renda, tudo conservado em rito báu de mozoávia. Superou sua contenda no número de missas encomendadas para seu descanso

Josefa e Rosa: rota do divino

erno: como devota irmã da Contraria de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, mandou celebrar 2100 missas no valor de 100 réis cada. Mais que ela, só o beneditino remane, D. João V, que encomendou 700 mil missas!

JOSEFA MARIA ficou na história através de um sumário de culpas que localiza na Torre do Tombo, intitulado: "Para se proceder contra as lexicarças". Esta negra lora acusada de ser a líder e proprietária de uma casa de culto nas Minas de Paracatu (hoje a 232 quilômetros de Brasília), onde se realizava a Dança de Tunda, também chamada de Acontundá, um ritual em louvor ao Deus da nação Courá. Segundo depoimento de algumas testemunhas que participaram de tais cerimônias, o idolo venerado era representado "por um boneco de barro com cabeça e nariz à imitação do Diabo, espelhado em uma ponta de terra, com uma caba de pano branco, cobocando no meio da casa em um tapete, com uma fita vermelha em roda, e dentro delas, umas ervas cozidas e cruas, búzios, dinheiro da Costa, uma galinha morta, uma panela com feijão, moringas de água" etc. Vestidas com saias de cor, ao som de atabaques, uma vintena de negras de diferentes etnias e alguns negros, dançavam freneticamente, entrando em transe quando recebiam o santo. O "pade" desse proto-candomblé era Josefa Maria, "caindo no chão como morta, na Dança de Tunda, depois subia em cima da casa e se punha a pregar pela língua de Courá, dizendo que era Deus e filha de Nossa Senhora do Rosário e afilhada de Santo Antonio, que o Santo de sua terra estivera sete anos de pechos diante de Nossa Senhora e trouxera de Roma uma carta para essas Minas se lhe fazer uma igreja, e que o Reverendo Doutor Visitador lhe rasgaria. E na mesma ocasião da dança dita que era Deus, que tinha o céu e a terra, água e pedras, e tudo que havia no mundo, tinha criado.

No meio do salão, entre um transe e outro, Josefa Maria abençoava uniões casais de seus devotos, curava leprosos, adivinhava o futuro, lia cartas felícias ("candulus"), e na escrutório de seu humilde templo coberto de palha imitava o Rei Midas, transformando folhas de árvore em pepitas de ouro. Prodígios tão formidáveis redundaram em fama e prestígio social para a liberta ma-cumbêria: além de uma vintena de filhos e filhas de santo, "toda das noites de sábado acorriam à sua casa, no córego dos macacos, grande número de negros e negras de todas as vizinhanças do arrabal, que a adoravam e levavam de presente galinhas, gatos e outras coisas mais, como o negro Manuel Barbero, que lhe deu uma cruz com três vitórias de ouro e uma garrafa de azeite destilado que servia para tirar calandus". Aos encrúdos, Josefa Maria ia pessoalmente em suas casas amear-í-lhes com futuros castigos por parte de Deus da terra de Courá. Por interlêncio dos capítos do mito, a Dança da Tunda e o desbaratado, e o vigário geral de Paracatu manda aos inquisidores o referido sumário, denuncia que ficou arquivada nos arquivos secretos do Santo Ofício, sem merecer despacho algum, semelhante ao que aconteceu com centenas de outras acusações de mesmo gênero proferidas do Brasil: o Santo Tribunal estava mais interessado na época em perseguir judeus e cristãos-novos do que gastar tempo e dinheiro com os rituais sincréticos e botânicos de negros brancos. Provavelmente Josefa Maria e seus discípulos foram asperamente repreendidos pela autoridade eclesiástica local, renunciando afluêres, com mais cautela, os mesmos rituais gentílicos.

Recoberto estar possuído por sete demônios, Rosa Maria resolveu mudar de vida: distribuiu suas roupas e jóias entre os pobres, consagrando-se a partir de então, 1748, exclusivamente ao Divino Espírito. Por inspiração divina altera seu nome para Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz, em homenagem à santa do Egito que como ela, abandonara o meretrício. Visões, êxtases beatíficos, revelações, rapto e arrebatamentos passam a ser seu novo quotidiano. E incumbido por Deus de zelar pelo respeito das igrejas, retirado violentamente dos templos as pessoas mal procedidas e pecadoras públicas. A cidade de Mariana acabava de ser promovida a sede do Bispo das Minas, e tomando conhecimento o Bispo, D. Frei Manuel da Cruz dos delírios místicos e possessões demônicas desta escrava africana, após ter sido examinada por uma junta de teólogos e exorcistas, Rosa Maria é declarada embusteira e cruelmente apalotada em praça pública, ficando a partir daí para sempre paralizado seu braço direito. Restabelecida do castigo, recomeça as visões, e para evitar maiores problemas com a justiça eclesiástica, a exproletada e seu exorcista fogem para o Rio de Janeiro, aí chegando em 1751.

Três anos depois, com auxílio de um rico sacerdote das Minas, seu devoto e só da proteção dos franciscanos, Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz funda o recolhimento de Nossa Senhora do Parto, onde são reunidas uma vintena de doze-las e madalena arrependida, metade delas de cor, quase todas igualmente possesas pelo demônio. Madre Rosa torna-se então a principal mística do Brasil Colonial, só comparável à Venerável Jacinta de São José, que na mesma época funda também no Rio de Janeiro, o primeiro Carmelo brasileiro: a ex-escrava proleza o divínio, tem maravilhosa visão dos Sagrados Corações, prognostica a saúde do Bispo enfermo, diz ter morrido e ressuscitado, trocou seu coração com o Cristo, o próprio Menino Jesus, vinha diariamente pentar-lhe a cabeça e mamar postosamente em seu seio (da mesma forma como fazia com Santa Verônica Giuliani, a mística capuchinha de Citiá de Castello, falecida em 1727). Em breve realizou-se a grande apoteose: o carismático D. Sebastião, o jovem rei de Portugal desapare-

cido desde o século XVI nas areias do Marrocos, retornaria glorioso com seus generais para casar-se com Madre Rosa Egípcia.

Seu confessor proclama que a doutora da Igreja Santa Teresa d'Ávila não passa de uma menina de chagado da negra Rosa. Tanta idolatria chega aos ouvidos de velho Bispo, amigo pessoal do Marquês de Pombal, que a manda prender e remeter-a juntamente com o Padre Oliveira-Diablos para os cárceres inquisitoriais de Lisboa. O exorcista noscibe cinco anos de degredo, confessando que fora iludido pelas falsas aparências da demopnata: esperto, diz ter acreditado nos franciscanos, arrepende-se e perde perdão. Rosa Egípcia permanece inabalável na confirmação de que todas suas visões, êxtases e revelações foram verdadeiras. Seu processo é dos poucos de que o Reino do Tombo que ficaram inconclusos: deve ter morrido no cárcere, escapando-se aos inquisidores de anotar seu passadouro. Quem sabe se o Menino Jesus, saudoso e agradecido, não veio raptar sua velha mãe de leite... recebendo de seus devotos presentes e adoração; Rosa Maria Egípcia, a esposa da Santíssima Trindade e Medicina de todas as graças, foi venerada inclusive pelo clero católico como grande sena de Deus, sendo idolatrada com incenso e genuflexões como se fosse a nova Redentora do gênero humano.

Tais exemplos obrigam-nos a rever alguns aspectos funcionais do escravismo brasileiro ainda hoje explorados pelos estudiosos ou mal interpretados pela consciência coletiva nacional:

- 1*) sobretudo na região mineira, as possibilidades de mobilidade ascendente na escala social permitiam a milhares de escravos de ambos os sexos não só recuperar a liberdade em curto espaço de tempo, como alcançar significativo pecúlio;
 - 2*) apesar das escravas serem minoritárias, êxtase a população serf. masculina, ultrapassaram sempre os homens na afirmação da alforria;
 - 3*) embora Chica da Silva seja a mais célebre das libertas bem sucedidas no período escravista, os documentos comprovam que existiram milhares de outras negras brancas que também conseguiram grande êxito em seu projeto de enriquecimento e ascensão social;
 - 4*) finalmente, malgrado a evidência de que a prestação de serviços eróticos tenha sido uma das formas utilizadas por muitas mulheres de cor na sua escalada social, abundantes exemplos históricos, aqui ilustrados com as biografias dessas quatro africanas do século XVIII, comprovam que outras estratégias foram largamente utilizadas com sucesso para a obtenção da liberdade, enriquecimento e prestígio social, entre elas, o comércio ambulante, a prestação de serviços, mineração e manipulação da credence popular.
- Tais conclusões fazem justiça às muitas gerações de negras e mestiças do Brasil, cuja honestidade, laboriosidade, inteligência e força de vontade foram mais poderosas que as pressões aviltantes e discriminatórias da ideologia machista e senhorial, que até hoje, não só na consciência coletiva brasileira, como na prática social, insiste em preconceitualmente associar a mulher negra à nigrinhagem. Que estas páginas fiquem como homenagem às quatro Marias, cujo direito à história até hoje lhes tenha sido negado, e que através de suas vidas, agora resgatadas do pó dos arquivos. Muitas outras negras Marias nelas se espelham na construção não apenas ideológica, mas real, de uma verdadeira democracia racial no Brasil contemporâneo.

Luis Mott é antropólogo e professor da Universidade Federal de Bahia.

DE ESCRAVAS A SINHÁS

Marguerite Duras



O Marinheiro de Gibraltar
Marguerite Duras
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987

DINORATH DO VALE

O romance *O Marinheiro de Gibraltar*, publicado na França em 1952 e agora traduzido no Brasil por Tizziana Giorgini, é digno representante da difícil, questionada e fascinante obra de Marguerite Duras, cuja paixão pela palavra e pelo esmiuçamento da alma humana, hipnotiza o leitor. Narrado na primeira pessoa por um escritor resgatado tardiamente da lunção de copiar de documentos no Ministério das Colônias, fornece original alegoria sobre o pulo do gato: da cópia à criação. Um iate embarca e desembarca marinheiros que tentam, por osmose, desempenhar seu papel de coadjuvantes nas aventuras da mulher que os contrata. O lendário homem que ela procura pode ter sido inventado pela própria procura, talvez exista para que o existir exista. É surpreendido como uma miragem pela câmara lenta, técnica magistral com que Duras cerca seus fortes argumentos.

O Narrador viaja pela Itália com a "formiga exemplar" Jacqueline, ressentido por "nunca ter encontrado um pessimismo à altura do seu". Num visita ao museu, redescobre certo Anjo no quadro "Anunciação". Seu conhecido de infância, oscila entre o masculino e o feminino e desencadeia "pontadas de dor" pelo motorista que lhe deu carona num caminhão de Piza. Esse sutil conteúdo homossexual permanece nas imagens de todo o livro e só para os raros. Está em Bruno, nos quatro marujos, "eu estava entre ela e eles", na procura ansiosa e obsessiva do Marinheiro. É pelo motorista que o Narrador desiste de ir para Florença, prefere Rocca, cr-

de conhece Anna, proprietária do iate de 36 metros e o nome Gibraltar pintado no flanco. "Há dez anos eu esperava chegar à beira desse rio para mudar minha vida", diz o Narrador a Anna sobre o rio Magra. Acaba fascinado pela história do assassino aos 20 anos, ex-legionário, ex-encarcerado, ex-náufrago, pelo qual a "barmaid" do iate, se apaixonou para sempre.

Romance curto: o Marinheiro desembarca em Xangai para jogar pôquer e não volta. Anna se casa com o dono do iate, a quem brinda com regulares traições e a frenética busca do Marinheiro. Só consegue deixar o marido três anos depois quando esbarra com ele vendendo fotos obscenas no cais de Marselha. Com voz de "doçura inesgotável" Anna conta o suicídio do marido, a herança e a decisão de viajar, de porto em porto, cercada pela fascinação do objetivo de encontrar o Marinheiro. Carrega homens para o barco, faz deles seus ovinos, mantém curtos romances, às vezes ridículos. Como o fanático por lavanda real, o que lia Balzac, o que preferia Hegel, o cultor do físico, o fotógrafo dos arenques e o "pior deles, o que acreditava em Deus", rezava pelo assassino. O narrador se diverte: "você é uma bela puta"; Anna também, "você fala como um livro".

Aos poucos a fantástica história é esmiuçada: o Marinheiro teria assassinado em Montmartre Nelson Nelson, herdeiro do rei dos Rolimás após ter sido atropelado por seu Rolls-Royce. O atropelador ofereceu dinheiro como suborno.

Notícias do procurado chegam de boca em boca ou via telex. Durante a guerra da Resistência, depois do Mercado Negro, viveria em Londres como dono de bordel, cabeleireiro em Port-Said, leiteiro em Dijon, gerente de posto de gasolina na rodovia com o nome de Pierrat. Ou seria Gegé, portador de dez museres de seis balas, vida bandida em Daomé. Duas vezes assassino num só dia no Congo Belga, onde teria sido comido pelos antropólogos mombutus. As his-

Mistérios da identidade humana

tórias ocorridas antes, durante e depois do narrador participar dessa caça à miragem, temperam seu romance com Anna, que deseja ao mesmo tempo perder e conservar.

Marguerite Duras fala com clareza e realismo sobre os insondáveis mistérios da identidade humana, os desperos da certeza e a misericórdia da dúvida. A vida parece algo que se

pode obrigar a acontecer, requer viagens ao nada, infladas de objetivos que são becos sem saída, mesmo quando passageiros. O rochedo de Gibraltar é provido de "perturbadora e vertiginosa atualidade do mundo" e seu estreito de perturbadora e vertiginosa desatualidade." Na boca do Narrador está a chave do labirinto de Anna: "Viajando assim, procurando

alguém, sente-se um prazer diferente daquele que em geral se sente quando simplesmente se viaja. Às vezes, o que queremos não é aquilo que mais desejaríamos, e sim o contrário, a privação daquilo que mais desejaríamos."

Dinorath do Vale
é jornalista e escritora

Desordem e barulho no império britânico



Um Gosto de Morte
P.D. James
São Paulo, Best Seller, 1987

ANÉSIA P. E CHAVES

Mais um livro de Agatha Christie... só que desta vez não é de Agatha Christie? Inexato. Embora P.D. James nos devolva uma boa parte da atmosfera de Christie: as tardes chuvosas e brumosas, as noites escuras e ameaçadoras, as mansões vitorianas da alta burguesia ou, ao contrário, a pronúncia cockney de alguns elementos do povoão londrino que se aterra na parte de ser, o das moradas em suas narrativas de sabor goicá e apesar da semelhança dos argumentos nos

dos membros da "Scotland Yard" e da trama bem urdida, alguma coisa é diferente. Alguma coisa destoa... Um gosto de morte... Agatha nos apresenta um tempo glorioso, um apogeu. O tempo em que a Inglaterra era o "Império Britânico", com suas colônias, seu desenvolvimento industrial e seu (supostamente) inabalável "way of life". Seus personagens tomam o "five o'clock tea" com bolinhos, vestem-se adequadamente de tweed e moram em lugares apropriados à sua classe. A "working class" faz uma esporádica aparição: mordomos, governantas, cozinheiras ou suspeitíssimos mendigos/vagabundos.

Agatha Christie nos oferece um "frisson". Um risco, sim, embora fictício e acompanhado de um máximo de segurança. Seus leitores contemporâneos/contemporâneos ao lerem seus livros aconchegados junto à lareira, acreditavam que nem seus valores, nem o mundo mudariam tão cedo. A vida estava tão perfeitamente organizada, cada um ocupando seu lugar na sociedade. Como na literatura qualquer eventual desordem será imediatamente corrigida, os crimes serão descobertos e punidos e os criminosos colocados em seguras prisões ou executados. Mas duas guerras mundiais e todas as "desordens" deste século abafaram as crenças/confianças. Os atuais leitores de

Agatha Christie mergulham, como outrora em suas peripécias, mas o fazem com um sorriso irônico/divertido e também um pouco nostálgico.

Um gosto de Morte... O Império balançou. P.D. James sabe disso. A segurança que Christie nos oferecia foi para o brejo. A elegância é um pouco menos elegante. As coisas, agora, são ditas de forma mais rude, há mais sangue, sexo e suor. Os adúlteros que, nas palavras de Agatha, "sustentavam o casamento em sua discreção" são bem mais óbvios e, afinal, quem se importa com adúlteros? O final feliz e racional, ao gosto de Agatha e seu tempo, permanece no livro de P.D. James, mas não convence muito. Há no ar um cheiro de desordem, o barulho de alguma coisa caindo, um gosto de morte... a morte de todo um período da existência humana. O "charme" pós-moderno de fim do milênio é feito de resíduos do passado (e P.D. James não ignora isso já que o seu livro é conscientemente feito de collage/ criação/revival dos envolventes policiais de outrora) e não nos encanta/fascina/sedu como os do começo do século, mas ainda nos distrai, em nossa perdida inocência...

Anésia Pacheco e Chaves
é artista plástica

ASSINANTE, VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO?

Comunique seu novo domicílio.

COLE AQUI
SUA ETIQUETA DE
ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

Novo endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Est. _____

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: _____
Endereço: _____
Cep: _____ Cidade _____ Est. _____
Data Nascimento _____ Sexo _____ DDD: _____
Telefone: _____ Profissão: _____

VÁLIDO ATÉ 31.01.88

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 nºs do jornal. CZ\$ 420,00 - América Latina US\$ 18,00 - Exterior Via Aérea US\$ 24,00.

A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna
Edmund Leites
São Paulo, Brasiliense, 1987

MANI ÁLVARES

Nesse final de século, com todos os valores virados e revirados, sem dúvida, é interessante pegar um fio da história e ir seguindo até onde o fôlego der. Nós, que vivemos a "revolução sexual", que atravessamos uma ditadura e hoje enfrentamos a Aids, tomamos perdendo de vista os princípios filosóficos que fundamentam nosso sentir e pensar, até sermos jogados como fantoches ao léu das ideologias.

Por isto, ao ler este livro de Edmund Leites, professor de Filosofia do Queen's College, em New York, inevitavelmente retoma-se questões antigas, no entanto, atualíssimas, sobre a relação entre o prazer e a temperança, a moderação e o comedimento. Ele vai buscar, no século XVI e XVII, as origens da formação de uma nova consciência que moldou o comportamento de ingleses e norte-americanos, através de uma prática social que se tornou conhecida pelo nome de puritanismo. Ao contrário do que hoje se pensa sobre o puritanismo, como idéias repressoras e moralistas, naquele tempo a proposta era conciliar os impulsos emocionais e sexuais através de um comportamento auto-disciplinado, visando o bem estar geral da comunidade: isto levou à formação de uma moral, que o autor chamou de "constância".

No decorrer do livro são apresentados os significados religiosos, políticos e sociais da constância, e as consequências históricas dessa nova consciência criada a partir de um novo modelo para a sexualidade. Percebe-se que o autor discute com autores famosos, como Cassirer, Foucault, Freud e principalmente, Weber.

Na verdade, o problema que o autor coloca é muito anterior à existência do puritanismo como forma de organização da sociedade. A discussão sobre os prazeres remonta a Sócrates e Platão, e desde então este tema já foi virado em todos os ângulos, usado pelos teóricos da Igreja, manipulado por ideólogos e explorado pelos sistemas políticos e econômicos.

A discussão inicial do livro se dá com Cassirer, mas na verdade, trata-se de uma velha polémica travada pelos gregos entre ação e contemplação. Havia um grupo de puritanos em Cambridge, por volta de 1630 a 1680, seguidores da doutrina platônica que, segundo Cassirer, buscavam um ideal de passividade e contemplação. Pelo contrário, o autor suscita a idéia de que esses eruditos buscavam, de fato, uma forma de integração entre a ação e a contemplação através de uma severa disciplina interna, e que levaria à fusão entre as necessidades da alma e do corpo. Diziam eles que, "enquanto a alma estiver cheia de corpo não poderá conhecer a Deus".

Convivência entre Eros e Poder



Para o autor isto significa uma verdadeira disciplina das paixões, de forma a tornar compatível a vida ativa com a mística. E principalmente, recoloca a possibilidade de um encontro com Deus não por obra da "graça", mas sim, através do exercício de uma constância moral e emocional, resultantes do auto-controle e do domínio das paixões.

Edmund-Leites observa que esta ética da constância exposta pelos platônicos de Cambridge, trouxe consigo, além de uma nova demanda em termos de sobriedade de comportamento, também uma nova noção de consciência. Ele diz que, embora houvesse uma perda em emoção e êxtase, havia um aspecto transcendente que se revelava justamente na iminência do divino nos atos diários da vida. É esse aspecto que ele vai tomar como contribuição da ética puritana para a formação de uma consciência moderna (e que Weber irá tomar no sentido de repressão, onde o capitalismo irá fundar suas raízes).

Os significados políticos desse comportamento auto-disciplinado se ramificavam em todos os setores da vida social a partir da família. Esta era o lugar "natural e apropriado" para o aprendizado dos papéis que iriam desempenhar na idade adulta. Por isto, a obediência aos pais era o princípio comum a sentimentos identificados para com os reis, a autoridade e a hierarquia social. Segundo John Locke, tutor e educador de várias crianças filhas de nobres da Inglaterra, é necessário despertar a autoridade da razão sobre a vontade dentro da própria criança, para que ela aceite a autoridade externa. Assim, os pais não devem fazer concessões aos caprichos infantis, porque, "a primeira coisa que devem aprender é que elas não terão algo porque aquilo lhes agrada, mas porque lhes convém".

Como se vê, a preocupação com a supremacia da razão era antiga e, para os puritanos, tinha por fim formar um caráter moral, honrado e nobre. Surgia por oposição ao temperamento oscilante dos povos da Europa medieval, especialmente os da Borgonha do séc. XV, que, "um momento atrás estavam brincando... e repentinamente, acham-se na mais selvagem hostilidade". Nestas pois, de "sujeitar o homem à supremacia de uma vontade racional "não era algo que se fazia em benefício do indivíduo, mas sim, da comunidade. (Principalmente, para se manter as hierarquias existentes.)

Na sociedade conjugal era o controle das emoções o que mantinha a estabilidade doméstica. Um escritor da época, Steele, dizia que "as mulheres são, por natureza, formadas para a pena, o amor e o temor, en-

quanto que os homens são formados para a ambição, o perigo, a aventura. Se tivéssemos que formar uma imagem de dignidade, no homem, lhe daríamos sabedoria e valor como sentimentos essenciais ao caráter da masculinidade. Da mesma forma, se você descreve uma mulher "correta", (as aspás são minhas) ela deve ter uma gentil suavidade, um medo brando e todas aquelas partes da vida que a distinguem do outro sexo, com alguma subordinação, mas que seja de tal imenoridade que a torne ainda mais adorável".

Por isto, representando o pensamento da época, Steele advoga uma repressão necessária sobre as mulheres, para se ter "relações construtivas e estáveis" no casamento, e isso, evidentemente, deve ser consolidado no plano material. Sendo assim, condena radicalmente a independência econômica feminina. Inclusive fala que "o dinheiro para os alfinetes é a fundação da rebelião das esposas e da colocação de chifres nos maridos".

Embora surgindo nesse contexto, quer o autor reconhecer no amor conjugal dos puritanos a existência da amizade, companheirismo e mesmo de prazer e erotismo. No entanto, confessa que, nos casos onde surgia uma desavença qualquer, deveria prevalecer "a vontade do marido". Para reforçar a autoridade do chefe da casa, autores puritanos frequentemente citavam textos como esse: Esposas, submetam-se a seus maridos como é conveniente ao Senhor!".

Ora, nesse contexto fortemente hierárquico, como aceitar a convivência pacífica entre eros e poder, senão apelando — como o mostra bem o discurso dos teólogos — para a repressão sexual das mulheres? Aliás, desde Agostinho, com sua crença no celibato como um estado superior, porque fornece ocasião para a "mortificação dos instintos mais fortes" — a mulher vem sendo a própria encarnação do demônio e da tentação. O seu brado de revolta contra a criação de Eva por Deus — "o que estava errado no paraíso sem Eva?" — só encontrou uma justificativa: a mulher só tem razão de ser como procriadora. No mais, ela é totalmente dispensável.

A dificuldade de uma integração entre os prazeres e a moral da constância já era um assunto bastante debatido bem antes de os puritanos surgirem como organização social. O autor, inclusive, mostra vários textos de comédias dos séculos XVI e XVII, onde se colocava, de forma maliciosa e irônica, o sacrifício que era manter o interesse sexual recíproco e a fidelidade no casamento. É que a excitação para o homem requer um jogo de

malícia e sedução por parte da mulher e isto trazia consequências morais fortes, já que desafiava a hierarquia assentada no casamento. Assim, renunciar à poligamia teria por consequência uma baixa na excitação e nos prazeres do sexo.

Quando, citando um texto de uma comédia medieval, o autor diz que "as mulheres mascaradas são muito melhores que as esposas para satisfazer os maridos", ele está tocando no cerne do problema da sexualidade masculina. O jogo feminino da sedução é alimentado por promessas, evasivas, alusões das quais nem ela mesma sabe. Como diz Montaigne, "no amor sexual não há nada senão um desejo frenético por aquilo que nos escapa".

Ora, o próprio autor não se dá conta de que o puritanismo, mais que uma moral social, representou uma modalidade econômica de se lidar com os tropeços da sexualidade masculina. Porque uma mulher usando uma máscara seria mais atraente, senão por ser o suporte vazio onde o homem poderá projetar suas fantasias de beleza e sedução? O problema que esta especificidade do sexo feminino representa para o homem é exatamente a demanda que suscita em termos de resposta sexual. Quanto mais sedutora, mais a mulher o atrai e menos controle ele adquire sobre si próprio. É evidente que, por uma questão econômica, é mais fácil controlar aquilo que causa as paixões, moderando a sexualidade feminina e canalizando-a para fins "mais nobres".

E foi exatamente isso o que fizeram a mulher foi historicamente transformada, mediante discursos morais e religiosos como guardiã da honra, da pureza e da integridade moral. Isto, evidentemente, só foi possível em troca de uma dessexualização da mulher, o que a tornou menos atraente para os homens e menos perigosa também. Se por um lado isto parece ter facilitado as coisas para os puritanos, no sentido de se cultivar prazeres moderados e ideais éticos no seio familiar, por outro, a fidelidade se tornou um ônus por demais pesado. Como sair desse impasse?

A criação de um inconsciente feminino a partir de exigências de virgindade e pureza propiciou uma modificação no comportamento sexual da mulher. Induzida a crer que não possuía em sua natureza a "força animal" do desejo, que incita os homens ao comando e ao poder, ela aceitou o lugar de sustentáculo moral da unidade familiar e, por arcar com este ônus, passou a ser mais respeitada por isto.

E como as mulheres sucumbiram a esta ideologia que as privava do



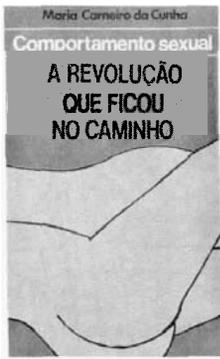
exercício de sua própria sexualidade? Na verdade, não se privaram; apenas mudaram o jogo. Havia um ganho, neste negócio, também para as mulheres. Quanto mais virtuosas e puras, mais status teriam e, portanto, maiores chances de subir socialmente. O autor apresenta sobre isto o relato de um romance do século XVIII que incorporou inteiramente essa nova idéia de feminino e masculino, promovendo-a por toda a Inglaterra e Europa. Trata-se da história de Pamela, um exemplo de pureza moral e sexual, e que acaba por seduzir o rico senhor B justamente por isso. Sua sexualidade fortemente reprimida só encontra meios de se expressar pelas vias de um imaginário tumultuoso, no qual a agressividade viril (leia-se machismo) do Senhor B desempenha o papel de violador de sua pureza, que ela deseja e rejeita ao mesmo tempo. Ao se submeter a ele, na noite de núpcias, Pamela se liberta também de sua própria consciência repressora, só que sem arcar com o ônus desse ato. Ela foi violada. Portanto, ainda pode ser pura e honesta.

Esta ambiguidade, fruto de uma dupla-moral, surgiu num contexto histórico no qual se travava uma batalha entre eros e a consciência moral. O puritanismo segundo o autor, na medida em que estabeleceu a constância como uma maneira de expressão da sexualidade submetida à razão, criou uma nova consciência que, por sua vez, também criou uma nova sexualidade. O que ele parece não ter visto é que as gerações puritanas posteriores receberam em cheio, não o espírito da constância como forma de equilíbrio psicológico e social, mas a repressão de que esta ideologia se utilizava para a transmissão de seus valores.

Talvez tenha sido por isto que ele não captou o pensamento de Weber sobre o terreno de repressão ao prazer, frutos do puritanismo protestante, onde o capitalismo fez sua morada. Sem um fundamento filosófico, como o que orientava os gregos em seu ideal ascético, o puritanismo derivou para a simples repressão ao prazer, tornando-se assim uma presa fácil para os sistemas totalitários.

Mani Álvares é professora de Filosofia e doutoranda em Filosofia da Educação pela Unicamp.





A Revolução que ficou no caminho

Maria Carneiro da Cunha
São Paulo, Nobel, 1988

SANDRA MARIA LAPEIZ

O novo livro de Maria Carneiro da Cunha, *A Revolução que ficou no caminho*, traz já nas primeiras páginas um índice sedutor o bastante para enredar o leitor. Se os dizeres e desenhos da capa não entusiasmassem pela falta de novidade de tratamento editorial, reside no título instigante a isca para o envolvimento com o tema — a sexualidade. E o palco para essa reflexão é o mundo nosso de cada dia. Tão familiar e tão pouco conhecido! Achamos que sabemos tudo sobre a nossa "realidade". Engano. As nossas vidas, os aspectos sócio-econômicos e políticos do País, formam construções exóticas o suficiente para que a reflexão sobre a sexualidade se ambace e se dilua. Afinal, a luta pela transformação social não se dá num vazio social, mas num campo minado onde o enfrentamento é o cotidiano

Lendo o texto de Maria Carneiro da Cunha, ganhamos a alternativa de um traçado histórico, singular e arejado das últimas duas décadas. A observação plausível da autora (aí, o jornalismo vale ouro), como testemunha sensível dos fatos e da manipulação deles, conduz a um desvendamento desse cotidiano que forjou a história. Retiram-se os véus e percebe-se que, sob a capa de um liberalismo exacerbado, se esconde a face da moral (primeira máscara da censura). A miséria sexual não é aliviada, mas afirmada. O Poder esteve (está?) atento. As

instituições policiais atuantes. O prazer, seja ele desviante ou não, esteve(?) sempre sendo canalizado para uma atividade produtiva e o desejo desviado para a sua sublimação. A censura é o lugar de atuação do poder. Através dela, pode ele efetuar a perversão do prazer.

A censura não mata o prazer, ela o transforma em valor, inflacionando-o, inclusive. Ganha assim o prazer o estatuto de uma mercadoria. No entanto, para se legitimar, a censura precisa alicerçar-se numa moral que ela, hipocritamente, se arvorará em

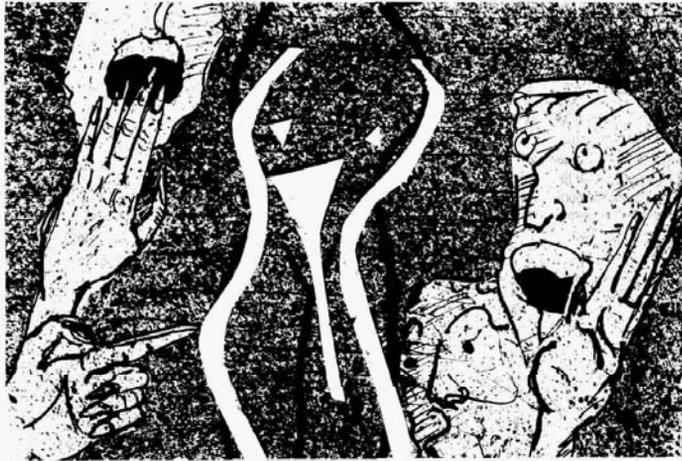
defensora. Dizem que amor com amor se paga, contudo no que se refere ao desejo e prazer esta gratuidade não se observa, além do que nem sempre o desejo encontra seu objeto no lado de fora do ser. A indústria cultural, mantendo a tensão entre os desejos reprimidos e os desejos satisfeitos, utiliza-se de veladas promessas, estímulos ambíguos, oferecidos pelo erotismo de consumo e pela pornografia clandestina. E pensar que o sisudo Machado de Assis comentou, "na mulher o sexo atenua a banalidade, no homem, agrava".

A tônica do texto reside na reflexão sobre o poder e suas súlis manipulações além de uma das partes privilegiar como objeto de estudo um certo aspecto da vida social e seus mitos: a família, a moral, o corpo, a emancipação feminina, a prostituição, a pornografia e um arrazoado balanço dos saídos e perspectivas da propalada Revolução Sexual e seqüelas. A metodologia usada pela autora no tratamento de cada um dos temas incorre numa visão própria e aberta. Nelas não vamos encontrar propriamente um modo de pensar acabado, mas uma análise que constitui um material empírico de interesse, vetores para uma reflexão aprofundada.

Por vezes, usando de um recurso do discurso erótico, aquilo que se mostra e deveria ser escondido, Maria Carneiro da Cunha, com humor fino, transcreve frases, conta casos dos "inflexíveis defensores" da família, moral e bons costumes, por vezes citando-lhes o nome, outras vezes qual jogo erótico, no espaço do proibido, do não-dizível, resguardando-lhes a identidade, fazendo com que participemos do livre exercício da imaginação. Puro prazer, tanto na sobriedade da pesquisa quanto no lúdico das entrelinhas. E nós que já ouvimos o poeta Drummond falar de uma mulher especial — Leila Diniz: "moça sem discurso nem requerimento soltou as mulheres de 20 anos presas ao tronco de uma especial escravidão", ficamos por aqui ponderando que bom seria se homens e mulheres rompessem todos os grilhões-estereótipos que os escravizam, e aceitassem as contradições e se aproximassem também como seres humanos.

Sandra Maria Lapeiz é co-autora do *O que é Pornografia*, editado pela Brasiliense.

Corpo-a-corpo do prazer



Roberto Emílio Naima

ASSINE
Da Mulher - a Presente

MULHERIO

Na compra de duas ou mais assinaturas você receberá um livro de presente

VIVÊNCIA
história sexualidade e imagens femininas



Vivência — História, Sexualidade e Imagens Femininas — Fundação Carlos Chagas Organização Maria Cristina Bruschini, Fulvia Rosemberg. Editora Brasiliense 288 pg. 1980



Mulher Brasileira — Trabalho, Direito, Educação, Arte e Meios de Comunicação Bibliografia Anotada — Vol II Fundação Carlos Chagas. Editora Brasiliense 395 pg. 1981.

Para ENVIO do livro:

Nome _____
Endereço _____
CEP _____ Cidade _____ Est. _____

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome completo _____
Endereço _____
CEP _____ Cidade _____ Est. _____
Data nasc. _____ sexo _____ DDD _____
Telefone _____ Profissão _____

Envie cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 n.ºs do jornal. CZ\$ 420,00 América Latina US\$ 18,00 — Exterior via aérea US\$ 24,00

VÁLIDO ATÉ 31.01.88

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome completo _____
Endereço _____
CEP _____ Cidade _____ Est. _____
Data nasc. _____ sexo _____ DDD _____
Telefone _____ Profissão _____

Envie cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 n.ºs do jornal. CZ\$ 420,00 — América Latina US\$ 18,00 — Exterior via aérea US\$ 24,00

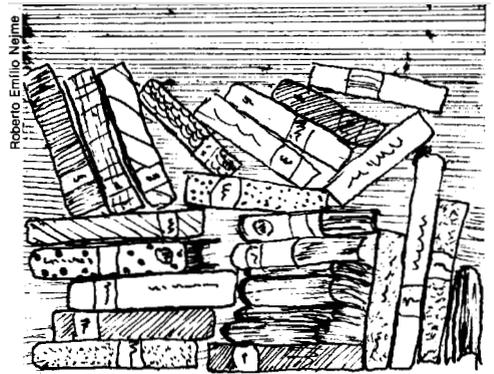
VÁLIDO ATÉ 31.01.88

Envie estes cupons para ASSINATURAS MULHERIO, Cx. Postal 11352, Cep 05421, São Paulo - SP, fone (011) 212-9052

LITERATURA

A história das escritoras Maria José Dupré e Carolina Nabuco formam a quinta parte da série "Memória de Mulheres contada em livros". Como "personagens", elas oferecem uma série de subsídios sobre essa profissão, quando exercida por mulheres.

NO FEMININO



MARIA LÚCIA DE BARROS MOTT

Os caminhos
Maria José Dupré
São Paulo, Atica, 1978. 255p.
2ª edição

O livro está classificado como romance trata-se, porém, de um livro de memórias. Escritora de sucesso — Éramos Seis chegou a vender mais de 800 mil exemplares além de ter sido adaptado para a televisão — Maria José Dupré iniciou a vida literária assinando Sra. Leandro Dupré. Seu editor afirmou, então, que um livro escrito por mulher, trazendo o nome do marido na capa, tinha 50% de sucesso garantido. A primeira edição do *O romance de Tereza Bernard*, seu livro de estreia (1940), esgotou-se rapidamente, pagando o investimento feito pelo casal.

Juntos por 36 anos, sem os filhos desejados, Maria José encontrou no marido a coragem para enfrentar a busca de um editor. Foi ele quem levou seus primeiros trabalhos para apreciação crítica e publicação, tornando-se, juntamente com Monteiro Lobato, um dos fundadores da Brasiliense, editora que passou a publicar os livros da esposa, até que a sociedade fosse desfeita.

Em uma entrevista, pouco antes de morrer (1984), Maria José afirmava que o fato de não ter filhos fez com que ela pudesse se dedicar muito à literatura. Em casa, tinha "um lugar todo seu" para executar o ofício. A carreira literária não foi interrompida com a morte do marido.

Em *Os Caminhos*, último trabalho da escritora (1ª edição 1974), Maria José fala de sua vida e da sua família estendendo-se, principalmente, nos anos que antecederam o casamento. A mãe, mulher fina e educada, seguiu o marido nas desventuras de fazendeiro, dono de cartório e administrador de fazenda. Os títulos nobiliárquicos possuídos pelos ancestrais das duas famílias nem sempre lhes valeu algo de prático. A falta constante de dinheiro e os revezes causados à família por seu

chefe eram objeto de recriação por parte da esposa. A educação requintada oferecida às filhas primogênicas não foi possível à caçula, nascida no sertão, quando os pais já eram considerados velhos. De volta à Botucatu, Maria José foi matriculada na escola. A adaptação foi difícil para a menina acostumada na roça. Tudo lhe fazia falta: o silêncio, os animais, o verde.

A irmã mais velha, casada com um dos chefes políticos locais, foi quem comemorou o natal, na família, pela primeira vez. Trouxe o costume de Portugal. A festa perdeu o brilho, nos dias seguintes, quando as colegas de classe ridicularizaram a "festa dos ricos". Neste tempo, Maria José começou a acompanhar a família nos bailes realizados no clube da cidade. Nas primeiras décadas deste século, as salas de toilette das mulheres serviam de tocador, banheiro (eram usados penicos), local de amamentação e onde eram deixadas as crianças para dormir enquanto os pais dançavam. As mais taludadas simulavam dormir para escutar a conversa das mulheres, aprendendo assuntos, em geral, vedados a sua idade.

Por sugestão da mãe, Maria José foi fazer escola normal em São Paulo. Gostando de música e literatura, sem predisposição para os afazeres femininos, como cozinhar, costurar, bordar etc, que ocupavam a mão das mulheres o tempo todo, e odiando as matérias tradicionais do currículo escolar, teve que se hospedar com a avó, depois com as irmãs para poder completar o curso. Na casa de uma delas, leu escondido todos os livros de Eça de Queirós; na casa da outra, já melhor entrosada na escola e gozando de melhor acomodação, completou o curso normal, no decorrer da Primeira Guerra.

De volta à Botucatu iniciou a carreira de professora primária obtendo o primeiro salário. Pode a partir daí, usufruir de roupas e chapéus comprados, que faziam bastante sucesso nos bailes.

Namorou muito antes de casar. A observação de vida conjugal da mãe e das irmãs lhe forneceu um perfil de casamento indesejado: aquele com ui-

tos filhos, sem tempo de desfrutar de tudo que aprendera e gostava, como a literatura e a música, além de um marido ciumento e com dificuldades financeiras.

Quando ficou noiva do engenheiro de estrada de ferro Leandro Dupré, ele pediu-lhe que abandonasse o magistério, alegando que era este incompatível com a sua profissão, o que ela concordou. Mesmo depois do marido ter estabelecido escritório próprio, Maria José não voltou a lecionar. No final dos anos 30, com mais de 15 anos de casada, começou a escrever. Muitos dos seus personagens foram tirados da vida real, da zona rural e urbana que morou, dos extremos da pobreza e da riqueza que conheceu, da intimidade das várias famílias que privou.

Estes elementos também compõem *Os Caminhos*. A observação arguta da escritora fazem deste livro importante fonte para o estudo da mulher brasileira, até meados do século.

Maria José Dupré escreveu também com sucesso literatura infantil. Morreu em 1984, com cerca de 80 anos.



Oito Décadas - Memórias

Carolina Nabuco
Rio de Janeiro,
José Olympio, 1973. 221p.

O livro merece uma reedição. É difícil de ser encontrado em livrarias, sebos e bibliotecas.

O olhar de Carolina revive as décadas desde os 90 do século passado, revelando as transformações no seu corpo, na sua família e no seu meio, até abranger um universo mais amplo, das cidades onde morou, dos costumes.

Filha de Joaquim Nabuco, militante abolicionista proveniente da elite pernambucana, Carolina nasceu no Rio de Janeiro. Neste período a República engatinhava, a cidade era frequentemente ameaçada pela febre-amarela,

que dizimava famílias ricas e pobres. As causas da transmissão ainda eram desconhecidas — Petrópolis, em cima da serra, apresentava-se como solução para os mais ricos fugirem, durante o verão, da epidemia.

Com a mãe aprendeu a ler português e francês. Ao desembarcar na França, no início do século, acompanhando o pai numa missão diplomática, sentiu-se em casa. O resto da infância e adolescência foram passados, principalmente, na Europa e Estados Unidos, com todos os requintes oferecidos ao corpo diplomático.

De volta ao Rio, com a morte do pai, encontrou uma cidade provinciana, apesar de reformada pelo Engenheiro Passos. Não havia hotéis nem indústrias que satisfizessem o gosto dos ricos: tudo vinha de fora. A penúria da agricultura via-se na mesa das famílias, mesmo das mais abastadas. Os costumes eram austeros, transparecendo na roupa dos homens, na ausência de sorriso, no relacionamento entre os sexos. Jovem, Carolina jogou tênis com Santos Dumont, assistiu Ni-jinsky no Teatro Municipal e frequentou corridas de cavalos com seus pares.

No final da guerra, a cidade foi devastada pela gripe espanhola. Iniciou-se, então, um novo período quando a influência francesa foi apagada pela americana e as adolescentes passaram a ocupar na sociedade, o lugar de suas mães. O interior das casas transformou-se e o tradicional chá das cinco foi substituído por chás-dançantes. Ninguém mais se interessava pelas valsas que deram lugar aos tangos.

Neste período Carolina realizou a tarefa que tinha-se imposto desde a infância: escrever uma biografia do pai. A empreitada durou cerca de oito anos, período que deixou de lado até as orações diárias que fazia com a mãe. Além da estafa, o livro *A vida de Joaquim Nabuco* lhe deu um enorme reconhecimento público. O capítulo "O católico" era lido durante as refeições em vários conventos religiosos; seu nome foi lembrado para a Academia Brasileira de Letras.

Os anos 30 foram marcados pela revolução que colocou Getúlio no poder. Carolina não esconde a antipatia que

sentia pelo novo regime. Juntamente com a mãe, já septuagenária, votou nas eleições de 1934, quando as mulheres votaram pela primeira vez no país. O rádio invadiu as casas, a moral tornou-se mais elástica, o transporte aéreo comercial estendeu-se em todas as direções. A movimentação das esquerdas foi seguida de longe pela escritora enquanto que os recuos e avanços das tropas aliadas, durante a Segunda Guerra foram acompanhadas apaixonadamente. Publicou ainda no final da década o romance *A Sucessora* que, segundo Álvaro Lins, foi plagiado por Daphne du Mourier, em Rebecca. Alguns personagens do livro de Carolina foram tirados da vida real como uma escrava idosa, da fazenda do seu avô materno, o Barão de Inohan, que havia sido enviada a um hospital do Rio de Janeiro, para ganhar prática. Na fazenda era quem fazia os partos e curava os doentes.

No final dos anos 40, com a morte da mãe, Carolina seguiu para os Estados Unidos onde o irmão solteiro era embaixador do Brasil. Ficou com a parte feminina da função, oferecendo recepções, acompanhando-o nas viagens. De volta ao Brasil, na década de 60, chorou a morte de vários parentes e amigos mais chegados, filhos da mesma geração. A velhice refletiu-se, então, no espelho, quando lhe devolveu a imagem da mãe em velha. Dois capítulos emocionados se sucedem: "a saudade dos que foram" e "velhice".

Carolina publicou mais duas biografias, uma de Santa Catarina de Sena e outra de Virgílio de Melo Franco, o romance *Chama e Cinzas*, um estudo sobre literatura americana e, após este *Oito Décadas*, um livro de culinária. Não se casou, nem teve filhos. Morreu em 1981, com 90 anos.



Maria Lúcia de Barros Mott é membro do Conselho Editorial do *Mulherio* e pesquisadora do Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina-SP.

Anjos da Noite
 Direção: Wilson Barros
 Com Marília Pera, Marco Nanini
 e Zezé Motta.

IOSÉ INÁCIO DE MELO E SOUZA

Wilson Barros, festejado diretor de tantos curtas de notável criatividade como *Disaster Movie*, *Maria da Luz* ou *Tigresa*, em *Anjos da Noite* nos apresenta a sua primeira direção de longa-metragem. Neste filme se mantém fiel às preocupações desenvolvidas nos filmes de pequena metragem, onde o lazer e o destazer da narrativa cinematográfica reinam de forma absoluta. O próprio título do filme sugere a idéia de que anjos da noite não são anjos, mas também não são figuras diabólicas. A ação do filme se passa em São Paulo. O assunto principal é São Paulo. Numa apresentação caleidoscópica dos personagens, a cidade é vista através dos seus habitantes diurnos e noturnos, o lado bom e o lado podre, a crueldade e a ternura.

No espaço de um dia e uma noite, e a manhã seguinte, desfilam diante de nossos olhos um travesti (Chiquinho Brandão), uma estudante de sociologia, um diretor teatral (Antonio Fagundes), um michê, uma mecenas dos artistas pobres (Zezé Motta), um delegado de polícia (Cláudio Mamberti), uma atriz decadente (Marília Pera). Ninguém é anjo. Um travesti mata o seu amante, um criminoso mata por engano. De permissão um policial corrupto. Uma atriz que já teve seus dias de glória com prêmio Air France e tudo, acaba a noite nos braços de um michê. O cliente passado para trás, antigo caso do michê, procurará outro. No dia seguinte ambos farão as pazes como se nada tivesse acontecido. Uma estudante de sociologia pesquisa a noite paulistana de um modo asséptico: vídeos de taxi-boys, marginais, tarados e prostitutas são tirados da prateleira da videoteca mais maluca da cidade. A falsa limpeza e objetividade da pesquisa terminará no momento em que ele se envolver com um marginal que traz a simplicidade da morte no olhar.

Wilson Barros narra de maneira atraente, em alguns instantes de forma caricatural. O lúmpem é o seu objeto, o lúmpem é o dedo sujo que emerge da parte submersa do podre corpo social (operários mergulhados na indústria pornográfica, burgueses envolvidos com drogas, "estudantes de sociologia" atraídas pela marginalidade). Há um pouco de comodismo nesta visão das coisas, atitude que não é exclusividade do diretor. Há, também, um complexo narrativo que demonstra um interesse pouco comum entre o cinema paulista. Wilson Barros se esmera em trabalhar dois níveis do discurso: a realidade e a ilusão; a fragmentação dos pontos de vista dentro da narração. Jorge, o diretor teatral, ensaia o monólogo do travesti Mauro. O local é o banheiro do apartamento de Mauro com o corpo do amante morto dentro da banheira. Frente a um espelho (objeto que tem enorme importância dentro do filme) Mauro monologa sintomaticamente sobre a verdade e a mentira. Jorge insiste para que a representação tenha o máximo de verossimilhança para "encantar" o espectador. Jorge desliza o enunciado nos revelando que tudo não passou de uma encenação, de teatro, de imitação da vida quando a câmara afasta-se deixando a mostra o palco onde a encenação ocorreu.

Numa outra volta do parafuso Jorge fará com

Anjos da Noite: vermelho sobre tom azul



Zeze Motta e Chachá: "Anjos" noturnos de São Paulo

que este mesmo espaço se torne o local do crime perpetrado por Mauro (o que era representação agora é refeito com realidade ou a montagem da ilusão ressurge mais forte como ilusão mesmo). Outra situação. Uma navalhada espera o secretário de um executivo na esquina de uma rua com trânsito engarrafado. O alvo, contudo, era outro. A vítima portava o símbolo que o denunciava para o assassino. A aparência, no caso, foi fatal. Visto por outra personagem, a estudante de sociologia, o crime não passou de uma filmagem de cinema atrapalhando o trânsito. Se no primeiro crime o diretor o apresentou antes como ato ilusório, no segundo os sinais se invertem. Mais adiante o policial dirá que o morto não tinha nada a ver com a estória, numa evidente ironia despiantista.

Numa outra situação, Malu, a protetora dos artistas pobres atende a estudante de sociologia. Na videoteca de assuntos do submundo (só brincadeira, não leve tão a sério, adverte Malu à estudante), Ciça escolhe para analisar o vídeo "taxi-boys". A imagem do michê Ted no vídeo ganha vida própria, dirigindo-se ao espectador na melhor representação das entrevistas televisivas. Wilson Barros recorre durante boa parte do filme a outros meios para encaminhar sua narrativa. O teatro e o vídeo, como vimos, são os prin-

cipais (o vídeo tem sete intervenções, aproximadamente). Há momentos, entretanto, que o diretor tira do armário velharias empoeiradas. Após a cena da navalhada criminoso e testemunha do crime conversam animadamente em frente a uma kombi. Ela deseja atingir o estrelato. Ele sabe quem pode dar um empurrãozinho na sua carreira. As pessoas que estão paradas diante da câmara são advertidas para o estorvo que estão causando à seqüência. O problema central deste primeiro longa de Wilson Barros reside na sua indefinição de estilo. O diretor não investe na radicalidade da montagem a que se propõe durante uma parte do filme, abandonando-a a meio caminho como que cansado de sua inventividade. Há uma nitida linha divisória no filme marcada pela seqüência do passeio noturno pela cidade que se abre para a seqüência da menina que veio de Guaratinguetá para assistir o show do irmão travesti. A partir deste ponto a ação transcorre de maneira direta, convencional, dentro dos cânones da narrativa tradicional. A indefinição pode ser debatida aos personagens existencialmente divididos construídos pelo diretor. Os três personagens emblemáticos da esquisofrenia da cidade são o policial, o michê e o travesti. A presença do travesti, inclusive, aproxima *Anjos da Noite* e *Rio Babilônia* de Neville D'Almeida. Os

três personagens estão com um pé no mundo da desordem e outro na ordem. O policial, enquanto representante da lei, está por trás do crime errado, de Malu, de Marta Blum. Como mantenedor da ordem é obrigado a prender o travesti Mauro. O michê vive da prostituição masculina, o que é estar em permanente desordem amorosa. A sua passageira ligação com Marta Blum, fruto do entusiasmo de uma recordação juvenil, o coloca no mundo da sexualidade "normal", mesmo que por uma noite. O travesti Mauro, por sua vez, é o acúmulo mais evidente de todas as indefinições. Ele só escapa da desordem total ao atuar na peça de Jorge, que funciona, no caso, como uma ordenação do mundo. Dessa forma, o palco do teatro pode ser comparado ao local da ordem e o do show de travestis como o da desordem; assim será neste e não no primeiro que Mauro será preso após a descoberta do crime por Jorge.

Wilson Barros ascende com *Anjos da Noite* ao ranking de um dos melhores diretores do cinema paulista espaço que, de uma certa forma, nunca deixou de pertencer.

José Inácio de Melo e Souza é pesquisador em cinema

VIVA A AMÉRICA LATINA.

Viva as belezas naturais, o povo e a cultura dos países latinoamericanos. Roteiros para Cuba, Nicarágua,

México, Peru, Colômbia, Chile, Bolívia, Uruguai, Argentina etc. Participe dos congressos de 1988

do Palácio das Convenções de Havana. Solicite nosso programa de eventos.

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS OU A

Porto da Barra
 TURISMO LTDA.

EMS. 008590041-8
 LATA. 57561663

REPRESENTANTE OFICIAL DO PALÁCIO DAS CONVENÇÕES DE HAVANA - CUBA
 RUA JOÃO PONDÉ, 43 - LOMA - CEP. 40.130 - SALVADOR - BAHIA - TEL. (071) 235-1489 - TELEX (071) 2897

União de Mulheres: Seis anos de trabalho voluntário

Laurimar Coelho

Dezembro foi um mês de festa para a União de Mulheres em São Paulo. Nesta data o grupo comemorou seis anos de atividades junto aos grupos populares e aos movimentos feministas. "Somos militantes dos movimentos de mulheres desde o final da década de 70, quando surgiram os primeiros grupos que reivindicavam melhorias na qualidade de vida. Naquela época, sentíamos a falta de uma organização permanente das mulheres e isto nos deu a idéia de criar a União", conta Criméia Almeida, tesoureira-geral do grupo.

Contando, atualmente, com dezessete mulheres em sua diretoria e cerca de 2 mil associadas, a União de Mulheres tem desenvolvido um trabalho de orientação e mobilização popular com quarenta núcleos de mulheres na periferia de São Paulo: "Todas as nossas associadas estão espalhadas pelos núcleos ligados à União e são, geralmente, mulheres de zona Leste da Cidade, onde se concentram os grupos mais carentes", explica Rosana Salomão, primeira-secretária.

A União de Mulheres, segundo Criméia, distingue-se de alguns grupos feministas existentes em São Paulo na medida em que procura levantar em cada um dos núcleos da periferia discussões acerca de temas não apenas ligados diretamente às mulheres, mas à situação política e econômica do País: "Dentro das lutas encampadas por vários segmentos da sociedade, procuramos situar a mulher, a fim de que procure participar ativamente de todos os setores sociais. Na questão da reforma agrária, por exemplo, incentivamos a realização de palestras onde as mulheres são orientadas a respeito dos seus direitos no que se refere à posse da terra, independentemente de seu estado civil", diz.

Firmando-se como um grupo autônomo, nesses últimos anos, a União de Mulheres nada tem em comum com os grupos vinculados à Igreja Católica. Na opinião de Criméia, isto pode ser explicado porque as principais bandeiras do grupo têm sido a questão da discriminação do aborto e todas as formas de apoio aos direitos da mulher no planejamento familiar.

Uma União engajada

A preocupação com a elaboração da nova constituição brasileira tem acompanhado todas as atividades da União de Mulheres. Rosana Salomão afirma que, desde o ano passado a União tem se voltado para os trabalhos da Assembleia Constituinte: "Simulamos em vários bairros uma mini-constituinte. Os núcleos se responsabilizam em lançar suas candidatas simbólicas para ocupar os cargos de deputadas e organizaram a votação das emendas propostas pelos grupos femininos da região. Este trabalho obteve bons resultados e foi importante para conscientizar as mulheres da importância dos movimentos populares no processo de elaboração da nova Constituição".

Uma das características principais da União de Mulheres, conforme explica Rosana, é o envolvimento com as principais questões políticas brasileiras: "No período de lançamento da campanha pelas eleições diretas para a presidência da República realizamos um intenso trabalho de esclarecimento das mulheres da periferia de São Paulo", conta.

Há seis anos, trezentas mulheres paulistas resolveram trabalhar juntas em favor das reivindicações femininas da época. Hoje, são mais de 2 mil sócias com o mesmo objetivo: promover a União das Mulheres.



Trabalho voluntário

Com sua sede num bairro popular de São Paulo, a União de Mulheres trabalha com oito equipes diferentes especializadas, cada uma delas, em atividades que vão desde a preocupação com a mulher idosa, a jovem e a negra, passando pelas equipes de saúde, educação e eventos culturais, até as que se responsabilizam pela assessoria sindical e jurídica. Segundo Márcia Regina, da equipe de apoio à mulher jovem, "o número de pessoas que trabalha em cada departamento varia de acordo com as necessidades do grupo com o qual trabalham e com o volume de atividades elaboradas pela própria equipe. Nosso dia a dia é o constante contato com os núcleos para quem damos assistência. Na verdade, cada núcleo é independente e organiza suas próprias atividades como a mostra de vídeos, seminários, cursos de corte e costura, artesanatos, cursos

semi-profissionalizantes, com o qual arrecadamos fundos para sua auto-manutenção. Nós, na sede da União, apenas monitoramos alguns trabalhos", explica.

O atendimento feito pela União de Mulheres se dá através de plantões realizados às segundas, terças e sextas-feiras, num trabalho voluntário e reciclado de algumas integrantes das equipes. Criméia explica que não há como ampliar o esquema de atendimento, uma vez que a União depende da disponibilidade de suas integrantes: "Não somos pagas para fazer este trabalho. A União se mantém através de nossa força de vontade e o dinheiro adquirido é proveniente das atividades que promovemos. Com os trabalhos produzidos nos cursos de artesanato, por exemplo, montamos periodicamente pequenas feiras onde as peças são vendidas".

Segundo Criméia, a União recebe uma pequena verba cedida pela prefeitura, através da Se-

cretaria do Trabalho, que é destinada exclusivamente para a realização dos cursos semi-profissionalizantes. Além disso, as associadas pagam habitualmente uma taxa de vinte cruzados mensais: "Não obrigamos ninguém a pagar esta taxa e não pouco estipulamos o seu valor. Trata-se apenas de uma contribuição simbólica, que resolvemos criar para aquelas associadas que querem nos ajudar", enfatiza.

Hoje, através da elaboração de um boletim informativo mensal produzido pela própria União, mantido com a contribuição das associadas e distribuído entre os núcleos autônomos, o trabalho deste grupo de mulheres é complementado com a interligação das diversas atividades realizadas em todos os bairros, bem como com a veiculação de informações a respeito das questões de maior relevância em seu trabalho, a exemplo da implantação de creches, do cuidado com a saúde da mulher e a garantia de todos os seus direitos.

Na marca do gol



Agência Folhas

maior sonho é ser uma cirurgiã. O futebol é um passatempo saudável a que ela se dedica desde os 8 anos de idade. "mas faz parte deste período de férias, não é para fazer carreira".

Também, o salário de Cz\$ 3 mil mensais pagos pelo Clube Juventus de São Paulo, além de não estimular a profissão, obriga Charlotte a desembolsar suas economias reunidas na Dinamarca, onde trabalhou como motorista da Empresa de Correio. "Tudo é diferente no meu país", diz, "inclusive os salários. O clima, a educação, as pessoas, tudo com outra cara. Acho que os jovens de lá são mais independentes. Com 18 anos você sai de casa para levar a sua vida. Ninguém te diz o que fazer, o que comer, o que vestir e a que horas você deve se deitar. Vejo que aqui, as meninas ficam presas até se casarem, ouvindo tudo que as mães falam, como não ter relações sexuais antes do casamento. É uma preocupação geral com o que os outros pensam e não com o que você sente".

Mas quem disse que ela não pensa em se casar? Charlotte quer cinco filhos, mas tudo depende de encontrar "um bom pai, amigo e amante, o que é difícil". Ainda assim, ela não gosta da ideia de seguir os rituais do matrimônio ("igreja, véu e bolo") — que, segundo ela, é a última moda lá na Dinamarca. "Eu sou protestante, mas não de ir à igreja. Acho um grande teatro. Acredito no que chamo de Deus, de uma forma mais abstrata. Eu rezo sim, mas não por obrigação".

Charlotte é bem humorada, faz muitas piadas entre as colegas apesar de seu sofrível português, adora

uma massagem depois dos jogos e de usar roupas descontraídas, tipo "largonas", exceção feita quando vai dançar, já que "a ocasião pede algo mais transado". Ela adora o jeito dos brasileiros se vestirem, mas reclama dos preços, exemplificando que comprou um sapato há dois meses e o preço já dobrou. Maquiagem não agrada a jogadora que suporta, no máximo, um brilho para os lábios. A explicação é que ela não tem muitas "cores" no rosto e que qualquer coisa que coloque acaba se destacando demais. Mas é vaidosa: passa creme no corpo ("japonês, caríssimo, só encontrado na Itália"), lava o rosto com sabonete especial, toma cuidado com os cabelos excessivamente secos e não usa sutiens, porque acha "estranho e desnecessário" para o seu pequeno "volume".

A coisa que mais irrita Charlotte é a eterna pergunta sobre o preconceito em torno da mulher que joga futebol. "Lá na Dinamarca é igual ao Brasil: as garotas mais ricas não se interessam por esse tipo de esporte, e aí ele acaba sendo praticado só nas periferias ou nos bairros com maior concentração de operários. E há também quem pense nessa história de que o esporte masculiniza a mulher, a transforma num macho. Eu acho que, quem pensa assim, não tem inteligência para nada, não sabe o que é a vida e, muito menos, em como ela pode ser diferente. E quem fala isso, não entende nada de futebol, nunca entrou num campo para ver se as meninas ficaram masculinas ou não. Respeito, mas acho que não tem nada a ver".

Lia Carneiro



Frases

"Isso não é lugar para mulher"

Deputado Délio Braz (PMDB-GO) para a deputada Abigail Feitosa (PMDB-BA) durante a tumultuada votação do substitutivo do Centrão.

"Na verdade, eram os homens de esquerda que diziam para as mulheres de esquerda: 'Essa mulher é de direita'. Isso acontece sempre e a gente entra no chiqueirinho bonitinho".

Ruth Escobar, deputada estadual expulsa do PMDB-SP

"Recebi diversas cartas, algumas delas mandando eu ir para a escola... elas são a prova do preconceito que existe contra a mulher negra".

Benedita da Silva, deputada federal pelo PT-RJ

Dizer que Charlotte Suetta, 19 anos, está mais para as passarelas de moda que para os campos de futebol é, no mínimo, um exagero. Não que os traços nórdicos não o permitissem, mas a baixa estatura e os músculos desenvolvidos e bem distribuídos vão contra a nossa escola publicitária. Ela veio da Dinamarca para jogar futebol no Brasil e é uma das titulares do time do Juventus, em São Paulo.

"Resolvi que, antes de entrar na fa-

culdade de Medicina, pararia um ano na minha vida para descansar, me divertir. E é exatamente isso que eu estou fazendo aqui no Brasil", diz. "Tive sorte de pintar esse convite para vir jogar e aí juntei as coisas. Nunca fui tão livre, tão descompromissada como agora. Não tenho que pensar em nada, não existe preocupação com o futuro. Só vivo o presente, completamente livre. E tenho que aproveitar isso porque nunca vou ter de novo", confessa Charlotte cujo

A cor da moda

Moralidade e besteiro: é tudo a mesma coisa

As jovens americanas com até 19 anos de idade que consigam comprovar sua virgindade poderão receber um prêmio de nada mais nada menos que cem mil dólares. A ideia partiu de um milionário de Nova York que pretende ser lembrado por ter feito "uma contribuição concreta à moralidade da juventude americana". O milionário John Napoleon, hoje com 80 anos de idade, declarou que distribuirá os cem mil dólares para as candidatas, que deverão se submeter a um exame médico. Caso número de jovens seja superior a cem, será realizado um sorteio.

"Esta ideia é simplesmente absurda. Típica de quem não tem mais o que fazer", afirma Carmem Barroso, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas em São Paulo, especializada em sexologia e estudos do comportamento humano. A sexóloga Martha Suplicy, no entanto, disse ter se surpreendido com o comportamento do milionário: "Ele não vai conseguir mudar nada com esta atitude. Nenhum prêmio em dinheiro pode mudar o comportamento humano. Isto mostra a insensibilidade de algumas pessoas frente às questões humanas", explica.

Uma das únicas historiadoras que realizam pesquisas e prestam assessoria na área de moda, Vitalina Alves de Lima pretende agora criar uma coleção completa inspirada na herança negra que, "ao contrário do que muitos imaginam, é muito contemporânea, com tecidos e cores fáceis de serem encontrados ou criados", diz.

O estudo desenvolvido por Vitalina, chamado "Abolição", foi pensado a partir da comemoração do centenário da abolição e pretende mostrar a influência negra na moda brasileira contemporânea. Como fonte, ela utilizou as telas de Debret, Rugendas e Franz Frost, que retrataram rostos anônimos e possibilitaram a análise de formas, cores e adereços da época.

Vitalina constatou que, apesar de a indústria da época só produzir tecidos grosseiros para os escravos, a vestimenta era sofisticada. "O requinte fica por conta da mistura de tecidos, da maneira de jogar os panos e acessórios", conta. Os brocados, sedas e rendas encontrados nas roupas dos escravos vinham das sobras das

sinhas, aproveitados de maneira sui generis nos trajes, resultando numa adaptação do modelo europeu, inspirada na África.

"Abusando da superposição de peças, da mistura de tecidos e padronagens e de amarrações, as escravas criavam um visual diferente. É a partir desse ponto que se pode afirmar a existência de um vestuário ligado à cultura", argumenta a historiadora.

A pesquisa revelou cores e materiais predominantes, carregados de significados ligados às raízes africanas. O tom mais usado era o encarnado, a cor do amor, que afasta os maus flúidos e está presente em todos os cultos. Destaque também para os verdes, azuis e alaranjados, usados com o cru. Dentre os acessórios, colares de contas, búzios e casacas de castanha, ao invés do ouro com que eram presenteadas pelos senhores.

Para os homens, brincos, chapéus e capuz, em tom encarnado, camisas listradas em azuis e peças de algo-

dão bem largas, amarradas na cintura. A modelagem feminina mostrou-se bastante ousada para a época, não só por rejeitar o modelo europeu, mas pela ousadia dos decotes, mistura de formas justas e amplas, basques, drapeados e superposição de peças.

Apesar de os escravos domésticos e urbanos terem uma vestimenta mais rica do que os escravos de engenho, ponto comum entre os dois é a ausência de sapatos. "Mesmos os escravos domésticos aparecem em todas as telas descalços e, nas raras vezes em que seus pés estão calçados, aparecem com sandálias bem abertas e confortáveis", revela Vitalina.

A historiadora pode assim estabelecer uma série de relações entre a moda escrava e a brasileira contemporânea: "A brasileira gosta de marcar a cintura, de trançar os cabelos, de enfeitar-se com acessórios grandes, de cores extravagantes e materiais naturais. Tudo isso é resquício da senzala, porém com toques bem contemporâneos".

Mercado de Trabalho: números sobem

A porcentagem de mulheres participantes da População Economicamente Ativa (PEA) saltou de 14% em 1950 para 33% em 1985, de acordo com os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Este aumento do número de mulheres disputando o mercado de trabalho pode ser explicado pela ampliação das oportunidades de emprego ocorrida nos últimos trinta anos e pelo papel dos movimentos emancipatórios femininos, que proporcionaram às mulheres um maior acesso à educação e, consequentemente, à qualificação profissional das mesmas.

Segundo informações fornecidas pela Fundação Carlos Chagas em São Paulo, a redução do número de filhos em cada família foi outro aspecto apontado com responsável pelo ingresso feminino no mercado de trabalho. Além disso, com a elevação da necessidade de consumo da classe média do pós-guerra, aliada à redução do poder de compra do salário do homem, gerou a necessidade de uma ajuda por parte das mulheres no orçamento doméstico. Em 1985, por exemplo o rendimento feminino chegava a 47% do salário médio masculino, sendo que 9% das mulheres recebiam mais de vinte salários mínimos, enquanto que 73% recebiam



até três salários mínimos.

Outro dado referente à participação feminina no mercado de trabalho obtido através da Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD) afirma que, em 1983, 93% das mulheres que trabalhavam na agricultura não possuíam carteira assinada, o mesmo acontecendo com 88% dos homens. Na cidade, 40% das mulheres ainda recebem salário inferior ao do homem e a faixa etária onde a presença da mulher é mais significativa no mercado, oscila os 18 e 24 anos.

Paralelamente aos índices brasileiros, a Finlândia, Suécia e a Dinamarca foram os países que apresentaram

nos últimos três anos as maiores taxas de participação feminina no mercado de trabalho com 48%, 47% e 45%, respectivamente. Além disso, é no setor de serviços, onde a procura foi mais significativa. No caso do Brasil, as atividades consideradas femininas como as professoras, balconistas, secretárias, nutricionistas, enfermeiras e vendedoras ainda são ocupadas pelo grosso da classe média. As mulheres pertencentes às classes populares optam pelo setor de alimentação, indústria têxtil e pelos serviços domésticos, enquanto que se de classe média alta ingressam nas áreas de ciências humanas.

Infidelidade conjugal na política

A infidelidade conjugal não parece ser um aspecto preocupante para os políticos brasileiros em campanha eleitoral, temerosos de escândalos ou outros entraves que possam prejudicá-los na obtenção de votos. A exemplo dos Estados Unidos, que teve um de seus principais candidatos à presidência em 88, Gary Hart, afastado da candidatura por envolvimento extra-conjugal. No Brasil, a repercussão é diferente: "Somos menos moralistas" diz a vereadora Ireda Cardoso. Se algum político brasileiro fosse flagrado em uma situação dessas certamente acabaria obtendo mais votos. O fato é que aqui no Brasil existe a mania do já comi, já transei e toda a sensualidade sob o ponto de vista perverso é respeitada".

A repercussão do fato em Washington chegou a mobilizar um grupo de cinco jornalistas, que armaram uma campanha em frente à casa do candidato democrata na tentativa de obter provas mais evidentes em torno de seu romance. O fato é que os escândalos amorosos envolvendo po-

líticos não são uma novidade nos Estados Unidos, principalmente quando lembramos de antigas histórias envolvendo ex-presidentes como Franklin Roosevelt e John Kennedy. Tão pouco são os casos exclusivos das autoridades americanas, depois do recente escândalo envolvendo o primeiro ministro da Grécia, Andreas Papandreou, e a aeromoça Dimitria Liani.

Um aspecto curioso no caso Papandreou: sua posição política não foi afetada, chegando a ser apoiado publicamente pela ministra da Cultura, Melina Mercouri, que afirmava ser "normal" os romances extra-conjugais entre os gregos. "Os gregos, assim como os brasileiros vêm com a mesma passividade os casos de infidelidade masculina", completa Ireda Cardoso. Na visão da deputada estadual Ruth Escobar a questão da infidelidade conjugal no âmbito da política nacional está diluída: "Todos os políticos pulam a cerca, mas os casos não vem à tona porque há uma certa cumplicidade entre os homens. Ao contrário dos Estados Unidos, que

prega um moralismo absurdo, no Brasil a infidelidade conjugal dos homens passa despercebida. No entanto, quando uma mulher comete adultério a infidelidade deixa de ser despercebida e passa a ser escândalo", comenta Ruth.

Outro caso não menos sutil é o do presidente venezuelano que recentemente batizou uma praça perto de Caracas com o nome de sua secretária particular. Diplomatas venezuelanos comentam que o presidente Jaime Lusinchi e sua secretária Blanca Ibañez teriam um antigo romance e isto a teria tornado uma personalidade com fortes poderes dentro do governo, chegando, inclusive, a despertar críticas de alguns políticos de oposição, que acreditam que Blanca Ibañez estaria "se intrometendo indevidamente nos assuntos de Estado e dirigindo a vida do presidente". O fato é que o caso amoroso não tem sido publicado nos jornais do País, mas os venezuelanos Blanca à figura de Eva Perón, que governou a Argentina com Juan Domingo Perón, tornando-se um mito. (L.C.)

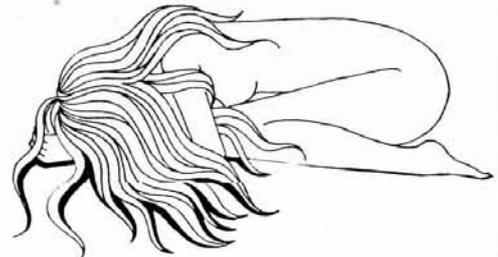
Militância nas Filipinas

Desde 1982 as Filipinas contam com o trabalho de um grupo de oito feministas pertencentes ao Centro de Recursos da Mulher (Center of Women Research). Sua diretora, Carol Añonuevo, esteve em visita ao jornal **Mulherio** e falou das propostas do grupo. Atualmente, o Centro vem desenvolvendo um amplo trabalho de conscientização dos vários grupos de mulheres das Filipinas. Durante este ano, o Centro realizou quatro grandes encontros com diferentes grupos de mulheres. Um deles voltou-se especificamente para os problemas sofridos pelas trabalhadoras rurais; o outro reuniu diversas trabalhadoras urbanas e os demais encontros trataram exclusivamente da prostituição nas Filipinas", explica.

Existem atualmente nas Filipinas dois grupos feministas voltados para as prostitutas: as BAGWIS e as BUKLON. Ambas as denominações significam, em português, "unidas". Juntamente com estes dois grupos, o Centro de Recursos da Mulher tem desenvolvido um amplo trabalho de esclarecimento e combate à prostituição crescente, em decorrência de campanhas distorcidas por parte do

governo filipino de incentivo ao turismo local e à presença de bases militares americanas nas ilhas. Segundo Carol, as BAGWIS trabalham com as prostitutas das áreas militares, enquanto que o grupo BUKLON preocupa-se com a imagem da mulher filipina nas campanhas turísticas veiculadas nos países vizinhos, em especial o Japão.

"A prostituição nas proximidades das bases aéreas e navais americanas é assustadora. Existem night-clubs mantidos pelas bases americanas na região, que encarregam-se de fornecer as prostitutas que vão prestar serviços aos oficiais. Essas prostitutas recebem uma comissão cedida pelo club que as contratou. Nessas regiões elas são conhecidas como garotas hospitalares", conta Carol. Se por um lado a presença das bases americanas dificultam os trabalhos de conscientização do grupo BAGWIS, no que se refere à eliminação dos pontos permanentes de prostituição, há ainda o fator agravante do estigma enfrentado pelas Filipinas como sendo das principais cidades da prostituição da Ásia, o que torna o trabalho encampado pelo grupo BUKLON não menos difícil.



Perigo das drogas abortivas

Cerca de duas mulheres morrem mensalmente pelo uso excessivo do medicamento Dicorantil em Manaus. Segundo médicos da capital amazonense, a causa das mortes estão no desconhecimento da população quanto à utilização do medicamento. Indicado especificamente para o tratamento de arritmias cardíacas, o Dicorantil vem sendo utilizado largamente por mulheres amazonenses que desejam abortar. Os médicos da região desconhecem os motivos que levaram muitas mulheres a acreditarem que esse medicamento fosse abortivo. O fato é que uma vez ingerido em doses excessivas, o Dicorantil

provoca ataque cardíaco.

Enquanto isso, as farmácias continuam comercializando o medicamento sem qualquer restrição, ampliando a ideia de se utilizar o Dicorantil como abortivo. Informações obtidas por fiscais ligados à distribuição de medicamentos no Estado revelam que há cinco anos o Dicorantil vem sendo vendido irregularmente nas farmácias.

Contrariam ainda que outro medicamento indicado especificamente para o tratamento de gastrites e úlceras, o Cytotec, também vem sendo utilizado de forma incorreta por gestantes que querem abortar.

UMA MULHER DE NEGÓCIOS



Ala Szman: "As pessoas respeitam quando percebem resultados"

CÉLIA DEMARCHI

Mas não foi apenas a bandeira da beleza a responsável pelo sucesso da Ala, que acabou se transformando numa importante empresária. Ao lado dessa bandeira, ela sempre carregou muito conhecimento, fruto de pesquisas dentro e fora do País, que atraiu para suas propostas milhares de pessoas — somente as cinco academias de ginástica agrupam 7 mil clientes. Além dessas academias (os Ginastic Center, todos localizados em São Paulo), Ala dirige uma fábrica de cosméticos que leva seu nome e o Jequitimar Hotel e Spa, no Guarujá. Se isso não bastasse, ela ainda é sócia do *Jornal Beauty Ginastic Center*, da Cimarrão & Associados Propaganda; e da Equipe A, que produz *Mulher 87*.

Com tantos negócios, Ala não pode se furtar ao trabalho, que atualmente lhe absorve 12 horas diárias, um período curto, se comparado às 16 horas que dedicava às alunas do primeiro Ginastic Center, há exatos vinte anos.

Ela havia chegado ao Brasil há poucos anos, em 1960, proveniente da Polônia, país onde realizou seus estudos profissionais. Ala Szman nasceu em Magnitogorsk, uma cidade do Alto Ural, região ao Norte da Rússia, próxima à Sibéria, num ano que ela não quis revelar. A família mudou-se para a Polónia em 1946 e lá ela estudou Educação Física e fez cursos no Bolshoi e no Mayowosze, um grupo de balé folclórico. Mas também praticava ginástica olímpica e atletismo.

Ala tornou-se conhecida na Polónia por sua atuação nos esportes. Com a morte de Stálin, porém, em 1953, o panorama político começou a se modificar e, conta ela, iniciou-se nova onda de perseguição aos judeus, a ponto de a permanência na Polónia tornar-se impossível para a família de Ala, que é judia. Decidiu-se então deixar o País, o que foi feito em 1960, de maneira arriscada. A família optou por transferir-se para o Brasil, mas a única forma de sair da União Soviética era visitar Israel. Assim, Ala e os familiares saíram da Polónia aparentemente com destino a Israel e foram privados de carregar até mesmo roupas, dinheiro e demais bens pessoais. Ela conta que não possui sequer fotografias de sua infância. Amigos judeus que já moravam no Brasil providenciaram, por sua vez, um falso contrato de trabalho para o pai de Ala, que era engenheiro elétrico, para que a família pudesse ingressar no País.

Dificuldades não faltaram, pois a família aqui chegou apenas com a roupa do corpo. Não sabendo falar português, o pai de Ala não conseguiu emprego. Ela resolveu trabalhar em lojas, junto com os judeus de São Paulo, e, quando começou finalmente a dar aulas de ginástica, precisava trabalhar em dois ou três empregos.

Começam os Investimentos

A situação financeira só se estabilizou com o primeiro casamento, em 1962, do qual Ala tem dois filhos. O casamento durou pouco, mas quando ela se separou, logo em seguida, diz, já ganhava o suficiente para seu sustento. Com uma amiga, abriu, em 67, o primeiro Ginastic Center em São Paulo, que continua sólido.

Não foi fácil cativar a clientela. Isso porque, lembra ela, impôs um estilo incomum para uma época em que fazer ginástica não era moda: disciplina, horários e aulas "puxadas" de aeróbica. "Naquela década as mulheres faziam massagem e, no máximo, aulas de balé", diz. Por tudo isso, a academia oferecia, no início, além de aulas de ginástica, aulas de artesanato e de dança folclórica, o que exigia de Ala e da companheira polivalência e trabalho estafante de até 16 horas diárias, num cenário integrado por filhos pequenos, creches, falta de dinheiro para contratar uma empregada.

Mas o trabalho de Ala começou a ser reconhecido. "As pessoas respeitam quando percebem resultados", explica. E a situação financeira começou a estabilizar-se. A grande força para persistir e avançar, no entanto, veio de seu segundo marido, com o qual ela permanece até hoje. No início, ele apenas incentivou, mas depois resolveu assumir a administração dos negócios de Ala, pois experiência não lhe faltava, já que era executivo de uma grande empresa estrangeira.

Os anos se passaram e, em 1975, o casal decidiu ampliar as atividades. Ala sentia na época que a ginástica, sozinha, não totalizava o trabalho que ela pretendia desenvolver para a mulher. "O corpo podia ficar impecável, mas o rosto com acne", diz. Esse período foi marcado por muitas viagens ao Exterior, que contribuíram para a ampliação das fronteiras do trabalho de Ala. "Percebi que era necessário atender a tudo o que se relacionava à beleza, como tratamento de cabelos, celulite, pele. A ginástica completava, mas não trazia resultados específicos", conta.

Ela não diz, como dizia o poeta, que "beleza é fundamental". Mas avisa: "Quem afirma que beleza não é importante não sabe o que fala. Beleza é harmonia. É reflexo do equilíbrio do organismo". E foi exatamente em consequência dessa concepção que a ex-bailarina russa, formada em educação física na Polónia, a conhecida Ala Szman, ampliou suas atividades: começou cuidando da forma física das brasileiras em sua primeira academia, aberta em 67. Hoje, ela cuida da saúde e beleza de homens e mulheres da classe A, mas dedica parte de seu tempo às outras classes sociais, através de dois quadros do programa *Mulher 87* da Rede Manchete.

A partir de 75, Ala e o marido criaram um novo Ginastic Center a cada dois anos. E começaram a pensar no lançamento de uma linha comercial de cosméticos. É que naquela época, quando aquelas academias passaram a oferecer também tratamento de pele, os produtos utilizados eram de uso exclusivo das esteticistas de Ala. A ideia amadureceu e, em 82, começaram os estudos dos cosméticos que foram finalmente lançados em 85. A diferença entre produtos e os demais existentes no mercado é apenas uma, segundo Ala: "Nossa linha inclui pesquisa mais intensa em virtude de termos sete mil alunas cujo tratamento é acompanhado de perto. Uma possibilidade que as outras linhas não têm".

Televisão e novo projeto

Quando Ala Szman foi convidada a participar do programa *TV Mulher*, transmitido pela rede Globo, em 80, seu nome já era bastante conhecido. Ela considera o período um dos mais gratificantes em termos de trabalho. Conta que não tinha fins lucrativos naquela atividade que durou seis anos. "Era uma atividade comunitária, feita com amor e que devolvia amor. Era uma forma de transmitir informações sobre higiene e cultura a quem não tinha acesso aos grandes centros", diz ela, lembrando que na época recebia cerca de 3 mil cartas por mês dos telespectadores. "Criaram-se vínculos fortes. Senti muito interesse por parte das pessoas pelo que eu transmitia", conta.

E o interesse pela beleza, reflexo de boa saúde, segundo Ala, deverá crescer ainda. A ponto de as pessoas passarem a cuidar da pele da mesma e automática maneira como escovam os dentes. "Tratar pele e cabelos é parte da cultura de cada um", define.

Nas viagens ao exterior, Ala também descobriu os Spas, locais onde o cliente recebe atendimento completo e personalizado, de saúde e beleza. O Spa, ela o criou para funcionar juntamente com o Hotel Jequitimar, no Guarujá, em 84. Foi resultado do conhecimento dos Spas americanos e também dos europeus. "Uni as duas experiências e acrescentei as minhas próprias", diz.

Ela define os Spas como centros de reciclagem de saúde e beleza, locais onde cada um se encontra com suas próprias potencialidades. E explica: "Procuramos dirigir a pessoa ao exerci-

cio adequado à sua constituição física, ao qual ela se adaptará sem esforço. Uns, por exemplo, gostam de equitação e não se dão bem com ginástica".

Ala diz que as pessoas deixam de fazer exercícios por não conhecerem o próprio corpo. "Conhecendo a própria constituição, se pode tirar do movimento benefícios extraordinários", garante, lembrando que a primeira finalidade do Spa é devolver a pessoa ao movimento. Mas ali o cliente recebe também orientação sobre o regime alimentar adequado que, ao mesmo tempo, pode ser seguido indefinidamente. "Formam-se novos hábitos alimentares", resume.

Dos amplos conhecimentos na área de beleza, Ala partiu para um outro tipo de aprendizado: o de mulher de negócios. E foi provavelmente no ano do Cruzado que ela compreendeu exatamente que País é este. "Para hotelaria e prestação de serviços, o Plano Cruzado foi bom. Mas a empresa de cosméticos quase quebrou", conta. Isso por um motivo simples: os produtos eram novos e foram lançados com base num plano quinzenal. Com toda a turbulência que se seguiu ao Cruzado I, porém, todos os planos de mais longo prazo tornaram-se impraticáveis.

Ainda assim, muitos projetos existem. Só que estão engavetados, à espera de dias mais tranquilos que, na opinião de Ala, estão distantes. "A estabilidade econômica depende da estabilidade política", acredita. E enquanto as regras não se definirem, a criação de grandes clubes para atendimento da classe média ficará adiada. Para Ala, academias de ginástica, ao contrário do que se pensa, está mal servida: "Ou o trabalho é dirigido a público muito jovem ou à classe A", argumenta.

Além desses clubes — seriam criados três na cidade de São Paulo e outros dois no Interior do Estado —, Ala pretende ampliar o trabalho na área de cosméticos, criando escolas para formação de esteticistas, que trabalhem com produtos próprios, e entrar ainda no setor de confecções. Por enquanto, ela está vendendo know-how do Spa — já existe um em Florianópolis e outro será inaugurado brevemente em Porto Alegre, sendo que há entendimentos com empresários latino-americanos para instalação de Spa fora do Brasil.

Célia Demarchi é jornalista em São Paulo

23

Mulher
Jan. 88

